

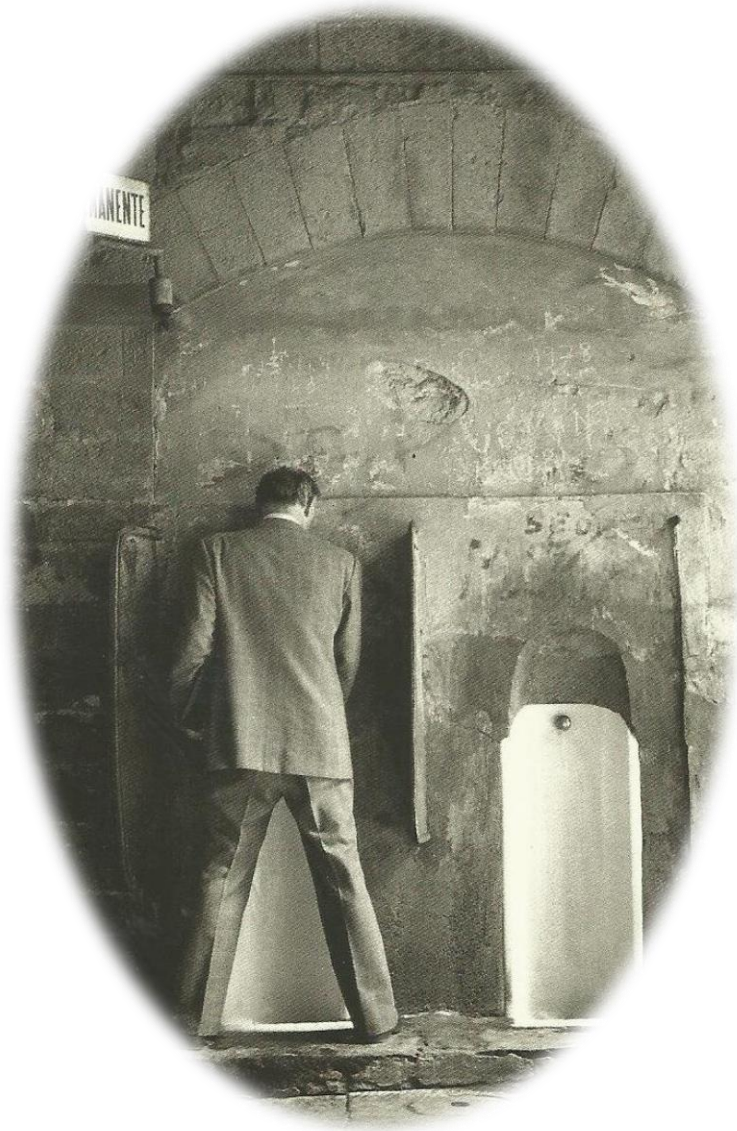


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

DIEGO ALANO DE JESUS PEREIRA PINHEIRO

“QUANDO O BANHEIRO É O ARMÁRIO”

Estudo antropológico com abordagem etnográfica sobre as práticas de sociabilidade homoerótica em Santarém-PA



SANTARÉM-PA
2014



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

DIEGO ALANO DE JESUS PEREIRA PINHEIRO

“QUANDO O BANHEIRO É O ARMÁRIO”

Estudo antropológico com abordagem etnográfica sobre as práticas de sociabilidade homoerótica em Santarém-PA

Trabalho de Conclusão de Curso realizado para a obtenção do diploma de bacharelado em Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará, sendo esta monografia orientada pelo professor Rubens Elias da Silva.

SANTARÉM-PA
2014

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Gestão da Informação-SIGI/UFOPA**

P645q Pinheiro, Diego Alano de Jesus Pereira
Quando o banheiro é o armário: estudo antropológico com abordagem
etnográfica sobre as práticas de sociabilidade homoerótica em Santa-
rém-Pa □ Diego Alano de Jesus Pereira Pinheiro. □ Santarém, 2014.
66 f. : il., 30 cm.
Inclui bibliografia.

Orientador: Rubens Elias da Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) □ Universidade Federal do
Oeste do Pará. Instituto de Ciências da Sociedade / Programa de Antropologia.
Santarém, 2014.

1. Sexualidade. 2. Homoerotismo. I. Silva, Rubens Elias, orient. II. Título.

CDD: 23. ed. 306.766

Bibliotecária □ Documentalista: Eliete de Sousa CRB 2/1101

DIEGO ALANO DE JESUS PEREIRA PINHEIRO

“QUANDO O BANHEIRO É O ARMÁRIO”

Estudo antropológico com abordagem etnográfica sobre as práticas de sociabilidade homoerótica em Santarém - PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia, para obtenção do grau de Bacharel em Antropologia; Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade.

Conceito:

Data da aprovação: ____/____/_____

Prof. Dr. Rubens Elias da Silva – Orientador
Universidade Federal do Oeste do Pará

Profa. Dra. Ângela Maria Garcia
Universidade Federal do Oeste do Pará

Profa. Dra. Lucybeth Arruda
Universidade Federal do Oeste do Pará

AGRADECIMENTO

Dedico este trabalho a minha família, em especial aos meus pais: Elmara Pereira e Viane Pinheiro, além das minhas avós Maria Zenita e Cristina Pinheiro, e avôs Antônio Wilson e *in memória* Francisco Pinheiro e aos meus irmãos Nataly, Natálya, Francisco e Cristiano. Agradeço à todos os supracitados por terem contribuído com os meus estudos até o presente, sem vocês nada seria possível.

Ao longo da realização da graduação na Universidade Federal do Oeste do Pará, e em particular da realização da pesquisa acumulei “dívidas” até o momento. Durante todo esse processo várias pessoas colaboraram de forma direta ou indiretamente, e as dívidas afetivas e intelectuais podem se tornar extensas, por isto, resumo em nome de algumas pessoas, que se destacaram.

Inicialmente agradeço ao Programa de Antropologia e Arqueologia pela oportunidade, aos professores Ângela Garcia, Lucybeth Arruda, Pedro Leal, Luciana França, Luciana Carvalho e Florêncio Vaz, pelo investimento e entrega, consolidando o curso e realizando um trabalho de excelência e qualidade no ensino aos alunos que optam por cursar Antropologia, em especial ao meu orientador e amigo Rubens Elias da Silva, pela dedicação até mesmo em sua folga, finais de semana e feriados. Sem esquecer ainda, da professora Carla Ramos que me ajudou e incentivava à pesquisa e ao estudo do gênero e sexualidade, contribuindo também na realização e seleção da Mobilidade Externa Nacional 2014 para a UFPA. Muito obrigado, professores!

Agradecimentos especiais aos amigos do curso de antropologia 2011, a primeira turma da UFOPA, em particular à Verônica Imbiriba e Mourrambert Flexa pelas madrugadas de estudos para as provas e trabalhos, não podia esquecer dos amigos que durante todos esses anos de curso construíram para comigo uma relação de amizade e parceria: Mazzile Tavares, Bia Moura, Aldo Luciano, Osinaldo Filho, Vanessa Carvalho, Telma Bermeguy, Anderson Silva e Suellem Esquerdo. Também sou grato aos amigos pessoais que não se afastaram de mim mesmo neste período de foco e dedicação aos estudos, que vibraram e comemoram junto comigo as vitórias obtidas na academia, entre

eles está Karla Lima, Veruska Ramalheiro, Vivian, Pamela Pires, Boa Morte, e Darlisson Duarte.

Agradeço imensamente a colaboração e contribuição de Thiago Oliveira de João Pessoa (PB) com indicações de leituras que contribuíram para a finalização deste trabalho de conclusão de curso, e por me inserir no meio dos pesquisadores da temática de gênero e sexualidade no Brasil.

Por fim, mas não menos importante. Agradeço a todos os interlocutores que aceitaram contribuir com a pesquisa, e ao casal Victória e Letícia por me aceitaram a passar algum tempo em sua casa, permitindo-me conhecer suas vidas e intimidade de perto, contribuindo para a construção do objeto e início da pesquisa.

Obrigado a todos!

RESUMO

A pesquisa de cunho antropológico realizada *in loco* nos anos de 2013 e 2014 na cidade de Santarém (PA) volta-se para compreender a sexualidade de homens que se relacionam com homens realizando práticas de *pegação* em banheiros públicos de duas casas de shows. A fim de entender esta prática de sociabilidade homoerótica, através de uma abordagem etnográfica, realizei uma investigação científica em dois banheiros masculinos, onde percebi um “sistema” de códigos e regras dados por meio do que denominam de *gaydar* no processo de conquista do parceiro e a intenção de que a prática permaneça em “segredo” entre os envolvidos, pois se mantêm sobre uma lógica da heteronormatividade. Neste sentido, é importante ressaltar que o banheiro é ressignificado, funcionando como um *bricoleur* em direção a interesses homo-orientados, para estes homens que não se reconhecem com uma identidade homossexual, mas sim como homens que buscam a satisfação do desejo com outros homens de forma fragmentada, transitória, objetiva sem a construção de intimidade, mas sim por meio da conquista imediata.

Palavras-Chave: Sexualidade; Homoerotismo.

ABSTRACT

The anthropological research conducted on site in the years 2013 and 2014 in the city of Santarém (PA) back to understand the sexuality of men who relate to men performing cruising practices in public restrooms in two venues. In order to understand this practice of homoerotic sociability, through an ethnographic approach, conducted a scientific research in two men's toilets, where I noticed a "system" of codes and rules data through the styling of gaydar in the partner's achievement of process and the intention that the practice remains in "secret" between those involved as it remains over a logic of heteronormativity. Therefore, it is important to note that the bathroom is reframed, working as a bricoleur toward homo-oriented interests, for these men who do not identify with a homosexual identity, but as men who seek the satisfaction of desire with other men fragmented way, transient, objective without building intimacy, but by immediate achievement.

Keywords: Sexuality; Cruising; Homoeroticism.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Imagem I – Croqui do espaço Morangos.....	33
Imagem II – Croqui do espaço Mangueira.....	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: A CONSTRUÇÃO DO OBJETO	18
1.1 DIFICULDADES E NEGOCIAÇÕES DURANTE A PESQUISA DE CAMPO	27
CAPÍTULO II: A ETNOGRAFIA	30
2.1 AS TÉCNICAS CORPORAIS NO PROCESSO DE CONQUISTA DO PARCEIRO	34
2.2 O SIGILO COMPARTILHADO: O BANHEIRO COMO ARMÁRIO	41
2.3 O DAR, RECEBER E RETRIBUIR PRAZER	49
2.4 AS REPRESENTAÇÕES E RACIONALIZAÇÕES “AFETIVAS” DOS HOMENS QUE SE RELACIONAM COM HOMENS NOS BANHEIROS	52
2.5 A METÁFORA DO BANHEIRO	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	65

“O que acontece no banheiro, morre no banheiro!”

(Jo Barret)

INTRODUÇÃO

Estava numa festa de *reggae* em uma casa de show na cidade de Santarém (PA), era meia noite de um sábado de outubro. Havia pouca luz no ambiente. A iluminação voltava-se para o palco, onde se apresentava uma banda de estilo alternativo, pessoas acompanhavam as músicas em coro e dançavam de dois em dois com os corpos colados e embalados pelo ritmo que envolvia a todos. Homem com mulher e mulher com mulher. Fui ao banheiro, neste instante vi onde os corpos masculinos dançavam, se pegavam e se acariciavam. Acabei atrapalhando o ato dos dois, foram poucos os segundos que eu puder ver, na verdade, o que me chamou atenção não era de fato a prática sexual, mas sim o ambiente: o banheiro. Os homens que estavam naquele momento no banheiro saiam de cabeça baixa, não olharam nos meus olhos, pois estavam envergonhados ou constrangidos por eu tê-los visto em um momento tão íntimo. Aquela cena, aquele lugar, o “fato etnográfico” (EVANS-PRITCHARD, 2005) não foi ao acaso pra mim e nem para eles. Aquele dia, àquela hora, aquele contexto, era ambiente propício para a sociabilidade homoerótica, já que estava longe da possibilidade de vigilância e coerção dos que estavam fora, protegidos pela parede. Buscavam permanecer “invisíveis”.

Percebo que em Santarém, os atores sociais, considerados homens e mulheres que mantêm relações sexuais preferencialmente com pessoas do mesmo sexo, em que na maioria das vezes ainda são portadores de estigmas sociais. Acredito que tentam forjar espaços de sociabilidade para que não sofram preconceitos, ou seja, são oprimidos socialmente. Pouco se sabe sobre as experiências do mesmo tipo em contextos rurais ou interioranos. Uma vez que a maioria das produções etnográficas foram e são realizadas em grandes metrópoles. Voltar-se as pesquisas ao “meio rural”, aos “interiores” e aos territórios etnicamente diferenciados se mostra relevante em razão da escassa (quase inexistente) produção sobre as temáticas da diversidade sexual e de gênero nesse “meio” – o trabalho de Ferreira (2008) sobre o estudo da homossexualidade em contextos rurais ou não centrais, pode ser considerado, até certo ponto, nesse caso, pioneiro; assim pretendo também seguir esta linha

de pensamento na construção etnográfica do qual apresenta-se o contexto estudado.

Santarém é um município em que seu contexto urbano é considerado geográfica e politicamente como de médio porte com aproximadamente trezentos mil habitantes, segundo o senso do IBGE (2014). Localizado na região oeste do estado do Pará, na Amazônia brasileira e tem uma dinâmica local cujos elementos rurais e urbanos confluem e misturam-se; não existem espaços dedicados especificamente à sociabilidade homoerótica como saunas ou cinemas pornô, que são considerados como marcadores “homossexuais” em outros contextos. Por isto, homens que se relacionam com homens, afetiva ou sexualmente, em Santarém, criam estratégias para a efetivação deste tipo sociabilidade. Além disso, a densidade das relações de parentesco e de vizinhança e do número de moradores corroboram para a manutenção de um *ethos* conservador que impõe fortes restrições quanto à expressão pública do desejo ou afeto entre pessoas do mesmo sexo.

Interessei-me pela linha de pesquisa em gênero e sexualidade¹ após o exercício etnográfico da disciplina “Introdução à etnografia” ministrada pela professora Carla Ramos em 2013. Os primeiros resultados do trabalho foram apresentados na II Jornada Acadêmica da Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA. No entanto, ainda durante a análise bibliográfica, notei uma carência em pesquisas sobre a homossexualidade na cidade. Por este aspecto e, principalmente, pelo meu interesse em aprofundar sobre a temática após a disciplina “Gênero, política e sexualidade” ministrada pela mesma professora, veio a contribuir para novas reflexões teóricas, preferi dar continuidade na mesma que resultou neste trabalho de conclusão do curso de Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará, sob a orientação do professor Rubens Elias da Silva.

Em agosto de 2013, quando ingressei pela primeira vez no campo, ainda durante a disciplina de Introdução à etnografia, acompanhei o relacionamento de um casal de lésbicas. Eu havia conhecido uma delas em 2008, em uma

¹ Tenho participado do grupo de Pesquisa SEXGEN (Sexualidade, Corpo e Gênero), quem que desempenha atividades de pesquisa e extensão desde 2013, no âmbito do Projeto **As experiências da diversidade sexual e de gênero em contextos interioranos, rurais e etnicamente diferenciados no Pará** (financiado pelo CNPq) coordenado por Fabiano Gontijo (UFPA).

oficina de teatro, apresentada naquele trabalho como Victória. Neste período ela contou-me ser lésbica e sempre me tinha como um confidente de suas histórias amorosas, segundo ela porque confiava em mim. No entanto, hoje, a configuração dá-se de maneira distinta, ela está morando junto com sua namorada. Durante a realização da pesquisa, elas informaram-me que iniciaram o namoro em um *banheiro*² de uma casa de show, além disto, era recorrente entre outros casais homossexuais do gênero masculino realizarem *pegação*³ nesses espaços, como vi em universidades, restaurantes, casas de shows, entre outros espaços. Durante a pesquisa *in loco*, observando os banheiros, notei que o fato é recursivo, assim este espaço não pode ser considerado um “não-lugar” (AUGÉ,1994). Segundo Marc Augé os *não-lugares* são espaços transitórios e que não possuem significados suficientes para serem definidos como *lugares*, sendo os lugares responsáveis pelo estabelecimento de relações sociais. Mas, nesta análise, tratarei do *banheiro* como um *lugar*, já que este se torna propício, e ideal para relações homoeróticas. Esta confluência de relações e significados dos comportamentos sociais e sexuais destes homens da cidade de Santarém, não os defino como uma questão problema para a realização da pesquisa, mas como relações importantes para serem compreendidas antropológicamente.

Neste trabalho então, apresento o resultado do meu estudo etnográfico a respeito da sociabilidade erótica de homens que se relacionam com homens em dois banheiros “públicos” de espaços comerciais urbanos de Santarém, delimitado a partir do gênero masculino, principalmente por me dar acesso ao *banheiro* masculino e sou interdito aos banheiros femininos, já que me apresento como homem e possibilitaria a observação neste espaço.

Os banheiros neste contexto possibilitam o desenlace de práticas homoeróticas rápidas, fragmentadas e cambiantes. Procura-se, assim, compreender as práticas sociais desses atores e suas estratégias – entendidas como táticas – para explicar suas práticas homoeróticas – optando pelo homoerotismo porque a relação estabelecida não busca, *par excellence*, a

² Espaço destinado para a realização de necessidades de higiene pessoal, e dejetos fisiológicos. Na maioria das casas de show em Santarém, são dois espaços, um destinado para homens e outro para mulheres.

³ Termo usado entre sujeitos que se relacionam sexualmente com sujeitos do mesmo sexo na cidade de Santarém, que significa beijos e trocas de afetos. Geralmente a *pegação* são preliminares à prática do sexo, efêmeras- realizadas potencialmente entre homens.

conjugação homoafetiva, mas a satisfação de desejos sexuais mediados e imediatos. Sendo assim, a investigação pretende discutir: como esses atores percebem essas relações homoeróticas, em contexto de espaço público? Quais estratégias utilizam para racionalizar as práticas quando o outro ator envolvido – situado localizadamente no banheiro e nos cenários que os circunda – desperta o desejo amoroso? ⁴Nesse sentido, pode-se inferir que há uma ambiguidade entre a prática homoerótica e as expectativas buscadas pelos atores sociais envolvidos nesse tipo de relação social, onde busquei etnografar estas relações em dois banheiros de duas casas de shows, que serão apresentadas ao longo deste trabalho.

Algumas etnografias sobre *pegação* em banheiros em diferentes contextos, contribuíram satisfatoriamente para minha análise antropológica, tais como dissertação de mestrado em Ciências Sociais de Alexandre Teixeira (2003) busca a compreensão das representações sobre os territórios de *pegação* na cidade de Belo Horizonte – MG. A partir da perspectiva dos seus entrevistados, realiza uma cartografia e constrói os principais espaços frequentados entre homens que desejam encontros sexuais. O pesquisador problematiza se os espaços mapeados são de natureza pública ou privada. O problema do espaço é encontrado também no trabalho desenvolvido por Francisco Costa Neto (2005), neste caso focando a respeito das experiências de homens que se relacionam com outros homens nos banheiros públicos na cidade de Natal – RN. Tedson Souza (2012) centra-se aos banheiros da região do Terminal da Rodoviária da Lapa em Salvador- BA.

Será problematizado e apresentado analiticamente ao longo deste trabalho as categorias apresentadas no próprio título do trabalho, em especial o armário como “sigilo compartilhado”, o sistema de códigos nativos nomeado de *gaydar* ⁵, o espaço público, semi-público e o privado, além de contrapor os resultados obtidos desta com as pesquisas sobre sexualidade e gênero que em suma são realizadas em grandes centros.

⁴ O desejo e o amor encontram-se em campos opostos segundo Bauman (2004) “O amor se empenharia em perpetuar o desejo, enquanto este se esquivaria aos grilhões do amor”. (p.25).

⁵ Termo utilizado por homossexuais na cidade de Santarém que seria uma apropriação do sentido de “radar”, o *gaydar* por sua vez, seria a identificação do *gay* através de códigos como o olhar.

A partir desta breve introdução, assinalo que meu objetivo é contribuir com essa produção etnográfica a fim de entender o processo de construção de significados, representações e racionalização afetiva de sujeitos que tem relações sexuais com sujeitos do mesmo sexo em espaços de sociabilidades centradas na realidade sociocultural do Norte do Brasil, em uma cidade urbana, no interior do Estado do Pará. Este exame, todavia, também problematiza as relações sociais que compõem um modelo hegemônico de masculinidade que subordina e oprime outras possibilidades deste exercício. Dessas relações estabelecidas nesse contexto contribui para perceber aspectos relevantes nas configurações da sexualidade em diferentes cenários, como afirma Piscitelli (2008), construindo novas pesquisas sobre gênero e sexualidade onde estas ainda não ocorreram. Desta forma, com este trabalho etnográfico pretendo contribuir para os estudos antropológicos sobre a “homossexualidade”⁶ masculina no Brasil, em particular para o município de Santarém.

Para Peter Fry (1982) há diversas coisificações sobre a homossexualidade. Quando ele questiona-se sobre “o que é a homossexualidade?” (p.7). A partir disto, nota uma infinita variedade sobre o tema, isto é, de pessoas do mesmo sexo que relacionam seja sexual ou afetivamente. Existem então várias construções sobre a homossexualidade: “Ela é uma coisa Grécia antiga, outra coisa na Europa do fim do século XIX, outra coisa ainda entre os índios Guaiiqui do Paraguai” (p.7). Assim, Fry percebe que a “homossexualidade” é um fato social, que precisa-se compreender o seu contexto e realidade particular para ser entendida, não há como realizar generalizações sobre o tema.

No primeiro capítulo desta monografia irei situá-los ao percurso metodológico realizado durante a pesquisa *in loco* nos anos de 2013 e 2014 na cidade de Santarém, além de apresentar a realização da construção do objeto empírico, e inserção no campo, a fim de facilitar o entendimento de minha análise etnográfica. Realizarei ao final uma breve discussão a respeito das dificuldades e negociações encontradas em campo.

No segundo capítulo apresento a análise etnográfica onde situo o cenário investigado. O capítulo está dividido nos seguintes tópicos: 1) As

⁶ Nesta pesquisa, os interlocutores não se identificam como homossexuais, na verdade preferiam não se definir, e quando definiam-se eram como heterossexuais.

Técnicas Corporais no Processo de Conquista do Parceiro; em que exporei as noções do radar gay como instrumento de identificação do parceiro; 2) *O Sigilo Compartilhado*; as noções e análises sobre a *pegação* no banheiro e a analogia do seu sentido com o armário; 3) *As Representações e Racionalizações Afetivas de Homens que se Relacionam Com Homens No Banheiro*; em que discutirei em especial a afetividade na modernidade; e no último ponto 4) *A Metáfora do Banheiro*.

E por fim, o terceiro capítulo são apresentadas as considerações finais em que apresento uma sintaxe do trabalho construído, e a importância de se estudar sexualidade na Antropologia, discorrer-me-ei sobre aspectos que esta pesquisa proporcionou na minha formação acadêmica enquanto pesquisador .

CAPÍTULO I

A CONSTRUÇÃO DO OBJETO

As relações sociais apresentadas no banheiro “público” masculino e de uso coletivo, apresentaram-se para mim como objeto empírico durante minha investigação antropológica sobre a sociabilidade homossexual em Santarém no ano de 2013. Na época estava interessado em compreender aspectos da vida social gay na cidade em questão, através da perspectiva de um casal de lésbicas. Visitava-as com frequência, não criei na época um roteiro de entrevistas, inicialmente eram conversas informais, que resultavam em algumas reflexões. No entanto, durante a realização de um trabalho para a disciplina de Introdução à etnografia ministrada pela professora Carla Ramos, em que eu deveria apresentar como proposta um trabalho como nota final para a disciplina. Notei que este seria o momento de escrever sobre o que eu estava vendo e ouvindo.

Mas, afinal o que eu estava vendo e ouvindo? Buscava por um estranhamento que eu não via, era tudo muito familiar pra mim. Um casal de mulheres que viviam juntas, trabalhavam, dividiam as contas, saíam, dormiam, cozinhavam. Precisava desconstruir as ideias de que eu iria encontrar uma anormalidade nessas relações de homosociabilidade. Mas, questioneimei-me: Qual meu interesse em acompanhar casais homoafetivos? Por que estudar sexualidade? Durante este trabalho, passei por crises no campo. Queria compreender algo que nem eu mesmo sabia o que era. Estava prestes a desistir do objeto, quando em uma das entrevistas e reflexões sobre as anotações, percebo que o casal que eu acompanhava, havia se conhecido no banheiro de uma Casa de show, durante uma festa de *reggae*. O que significa isso em uma realidade de uma cidade urbana no interior do Brasil, situada no norte do Brasil, no Oeste do Pará? Muita coisa! Devia todo esse estímulo e “tesão” pelo campo, graças às minhas anotações e ao *insights* noturnos. Além de orientações da professora Carla Ramos na época, e do professor Rubens Elias atualmente.

Não era um frequentador constante da festa de *reggae*, mas após o meu interesse em entender alguns questionamentos por mim levantados sobre as sociabilidades construídas no banheiro, passei a ir juntamente com o casal de

interlocutores acionados pelo casal. Durante as sextas-feiras (o dia que esta festa geralmente ocorre) na Casa de Show denominada Mangueiras. O ambiente tinha o público bem diversificado, de diferentes idades e classes sociais. As mulheres iam constantemente ao banheiro feminino, e a maioria em casais. Estava curioso para entrar no banheiro feminino, mas por conta das convenções sociais e morais só pude observar o movimento pelo lado de fora. Victória⁷, namorada de Letícia (o casal que eu acompanhava) me informou que as mulheres estavam *ficando*⁸ na parte interna do banheiro, e afirmou que elas faziam fila enquanto aguardavam a vez: “*sabemos quando está ocupado, as pessoas esperam pelo lado de fora para não atrapalhar quem está dentro*” (Victória, conversa realizada no mês de agosto de 2013). Então resolvi ir ao banheiro masculino. Ao entrar, percebi que haviam dois homens masturbando-se no mictório, e que tentavam disfarçar com minha presença. Em alguns segundos saíram, e assim em uma série sucessiva de idas ao banheiro do estabelecimento, notava a circulação de diferentes homens, que sempre me olhavam aos olhos. Então, decidi desistir dos banheiros femininos, já que eu seria impossibilitado de entrar, e como nos banheiros masculinos também ocorria a sociabilidade homoerótica, logo me interessei em investigar estes.

No entanto, havia um “problema”, os homens que fazem *pegação* nos banheiros, obviamente não iam querer conversar comigo, eu era um estranho, que estava interessado em compreendê-los, mas para eles eu não passava de um *empata foda*⁹ como fui muitas vezes categorizado. Então como conseguiria estabelecer uma relação de confiança entre pesquisador e pesquisado? Em suma, os homens que praticam a *pegação* não tem interesse em se expor, prezam pelo sigilo e discrição. Neste sentido, não posso falar de uma “identidade” homossexual em Santarém: A maioria não se reconhece ou assume-se como tal, nem estou insinuando que são ou devam; assim nos termos deste trabalho não se cabe enclausurar em uma identidade ou gênero, por isto tratarei neste trabalho como “representações” (GOFFMAN, 2009) uma vez que as relações estabelecidas são negociadas e interpretadas de diversas

⁷ Os nomes dos interlocutores serão fictícios por questões éticas e a pedido dos próprios entrevistados.

⁸ Segundo os entrevistados, o *ficar* refere-se ao início de relacionamento sem compromisso, é o momento oportuno para se conhecer o outro, e que pode ou não resultar em namoro.

⁹ Expressão utilizada entre os interlocutores que faz referência as pessoas que atrapalham a *pegação*.

formas, e essas interpretações e representações me interessam, pois nestas relações são acionados marcadores de diferença no processo de conquista, e como as experiências não são as mesmas, teremos uma diversidade de masculinidades e performances - esta discussão será aprofundada nos próximos capítulos. Passei a frequentar banheiros de bares, escolas, shoppings, universidades, restaurantes, instituições e órgãos públicos, casas de shows, banheiros públicos e privados, e até químicos; isto para mapear quais os banheiros propícios e adequados para a realização deste comportamento homoerótico.

Os interlocutores foram acionados por meio de indicações do casal de lésbicas que conheciam homens que se propuseram a colaborar com a pesquisa, estes indicavam outros, foi preciso um processo de negociação entre um estudante de antropologia que pesquisa o que as pessoas fazem, mas não querem falar. Consegui estabelecer uma rede de vinte interlocutores de diferentes idades e classes sociais. Assim, busquei “reagregar o social” (LATOUR, 2012) rastreando os agentes e os espaços conexões e redes, e ainda, através das experiências subjetivas tentei “reconstruir” e compreender as dinâmicas realizadas no processo de *pegação*. Mapeei os espaços e delimitei a investigação antropológica em dois banheiros das casas de shows Mangueira e Morangos¹⁰ que se situam em dois bairros distintos e com públicos diversificados; o primeiro cenário da pesquisa refere-se ao estabelecimento onde acontecem as festas de *reaggae* ou *reggay* como é nomeada por alguns frequentadores, e o segundo espaço é cenário de festas de estilos musicais variados como pop rock, rock, pagode, MPB, sertanejo universitário, entre outros. O ritmo musical é estabelecido conforme os dias na semana no Morangos ou *Morangosgay*, termo também utilizado por alguns interlocutores. Tanto o Morangos quanto a Mangueira Bar, apresentaram-se para mim com práticas de sociabilidade homoerótica – relações que eu estava interessado em estudar- de maneira acentuada e que me possibilitariam ver em determinado tempo e espaço “não causal”, já que eu já estava ciente de que esta prática acontecia nesses dois ambientes em determinadas configurações,

¹⁰ Nomes fictícios dos dois estabelecimentos estudados.

que apresentarei ao longo do trabalho. Afinal, que banheiro é esse que estou investigando?

O banheiro público é apresentado com uma variedade de regras a serem seguidas por seus usuários, que os utilizam como um espaço para realizar suas necessidades fisiológicas, “o mijar e o cagar” (PRECIADO, 2014). Assim, o banheiro apresenta uma lógica de conduta social a ser seguida, geralmente essas necessidades fisiológicas em nossa sociedade são feitas em privacidade e de forma isolada. A privacidade no Ocidente, segundo Costa Neto (2005), está associada ao pudor, ao que é público e o que é socialmente aceito. Seguindo esta linha de pensamento, o ato sexual no Ocidente, também é realizado em privacidade, em que é construída a partir da intimidade e da socialização entre duas pessoas, comumente depois de um período de aproximação.

No entanto o ato sexual nos banheiros públicos desconstrói toda estas normas sociais instituídas, sendo a relação constituída por pessoas desconhecidas e que buscam pelo prazer imediato e, por vezes, sem trocas econômicas, o que se difere da prostituição. Na década de 80, Néstor Perlongher (1987) publica sobre o universo da prostituição masculina na cidade de São Paulo, em que constrói a sociabilidade homoerótica no contexto urbano e apresenta uma breve passagem sobre os banheiros do centro da cidade. Segundo a perspectiva de Perlongher o banheiro seria o local menos “amoroso” e o mais perigoso por conta das interrupções.

O banheiro foi instituído pela sociedade burguesa europeia no ambiente doméstico com a finalidade de despejar os resíduos corporais normatizando o ato de mijar e cagar. Segundo Beatriz Preciado (2014), no século XIX o banheiro passou a ser “como cabines de vigilância dos gêneros”, em que seu sentido utilitário de se desfazer do excremento do organismo foi ressignificado. Na porta de cada banheiro público, tínhamos a interpelação do gênero: Homem X Mulher, sendo o espaço construído internamente com características próprias de diferenciação. Por exemplo, as construções arquitetônicas contribuem para que o homem possa urinar em pé, para isto, há o mictório e para defecar, há o sanitário. Preciado reflete sobre isso, afirmando que a o órgão genital masculino deve-se manter distante da analidade, uma forma de reafirmar a heteronormatividade e acrescento: É longe da feminilidade. Já para

mulher que socialmente aprendeu que se deve urinar ou defecar sentada no vaso sanitário e retocar a maquiagem em frente ao espelho, é imprescindível no banheiro feminino. Estes podem ser concebidos como “adestramento social”, isto a partir da perspectiva teórica de Mauss (2003) em “As Técnicas corporais”, que será discutida adiante.

Desta forma, o mijar em pé no mictório, torna-se uma atividade cultural (PRECIADO, 2014) que ao se fazer publicamente poderá ser reconhecido socialmente como homem. Preciado enfatiza que o banheiro público se torna “o regime do gênero e que a arquitetura e a sociedade moderna impõem em binarismos: masculino/feminino, pênis/vagina, visível/invisível, público/privado, de pé/sentado, ocupado/livre”.

Na parte externa dos banheiros públicos, podemos perceber códigos que indicam quando o uso de determinado banheiro é voltado para homem ou para a mulher, geralmente nas portas encontra-se circunscrito: masculino e feminino; damas e cavaleiros; realçados das cores rosa e azul, respectivamente.

Situando o sentido do banheiro em um espaço comercial, em que o mesmo é utilizado coletivamente nos levar a pensar nos binarismos: público e privado; sujo e limpo. Além disso, o banheiro passou por a idealização de alguém que pensou minimamente e planejou sua estrutura física interna. Costa Neto (2005) realiza uma análise sobre o uso do banheiro:

O ato de ir ao banheiro, por si só, é uma atividade cultural compreendendo valores e significados históricos. Usamos os banheiros para realizarmos as nossas necessidades fisiológicas e higiene do corpo. Depois o ambiente deve ficar limpo. A porta de acesso será a proteção que nos leva a ter uma certa conduta naquele lugar. A própria distribuição do espaço interno, com seu ambiente revestido de azulejos, cabines, um urinol e pias com um espelho, pode condicionar a conduta das pessoas dentro dele. Essas disposição está cheia de dados a um observador das questões sociais. Mas, a arrumação das pias, sanitários, cabines e urinol, estrutura e conservação dentro dos banheiros são os motes iniciais para averiguar as relações sociais utilizadas por seus frequentadores. (p. 15).

Para melhor apreensão dos termos utilizados neste trabalho, faz-se importante compreender os sentidos empregados para as categorias analíticas

que poderão ser percebidas ao longo do mesmo. Inicialmente corroboro com a ideia apresentada por Teixeira (2003) a respeito do termo “homoerotismo”, para designar o que correntemente se chama de homossexual, conforme sugere Costa (1992 e 1994):

Há três argumentos principais, e interligados, que justificam essa substituição. O primeiro corresponde à maior flexibilidade conceitual do termo para designar a pluralidade das práticas e desejos dos homens que fazem sexo com homens, em contraposição à noção presente nos termos homossexualidade e homossexualismo de que uma essência ou um traço identitário comum unem todos esses homens em uma mesma categoria. A segunda razão está ligada à construção social do preconceito contra o homoerotismo, através da construção histórica da categoria homossexual, “excessivamente comprometida com o contexto médico-legal, psiquiátrico, sexológico e higienista de onde surgiu”, no século XIX. O homossexual foi um personagem criado para designar um tipo específico de homem, “antinorma do ideal de masculinidade”, a partir do objeto de desejo. Por último, afirma que ao se empregar o termo homossexualidade oculta-se, independentemente da intenção de quem a utiliza, todo esse contexto discriminatório e essencialista, pois, trata-se de um termo arraigado em nossa cultura. Nesse sentido o uso da palavra homoerotismo propõe romper a aplicação de uma imagem estigmatizada aos sujeitos que têm como objeto de prazer o mesmo sexo. (APUD TEIXEIRA; 2003, p. 12).

Esta pesquisa que lhe apresento, empreendeu instrumentos metodológicos e analíticos típicos da antropologia. A partir da aborfagem etnográfica, realizando trabalho de campo, composto por observações de linguagens e comportamentos verbais e não-verbais, identificando valores e normas, e realizando entrevistas (BECKER, 1999), foi possível a produção de dados através destes instrumentos. A pesquisa de campo de cunho empírico foi realizada nos anos de 2013 e 2014, no sentido que não eclipsa as pessoas do seu horizonte analítico, a aproximação com o método etnográfico se traduziu com entrevistas de curta e longa duração e sua multiplicação com cada um dos informantes até mesmo em conversas informais. Os contatos prolongados e repetidos estabelecidos com as mesmas pessoas durante o estudo possibilitou interações dialogais cada vez mais próximas e informais, perpassando por desejos pessoais, preferências eróticas e fantasias.

Não foi realizada a observação participante como forma de produção de dados, primeiramente por questões éticas, e não porque atribuía um sentido anormal a essa prática. Em muitos casos, quando eu frequentava os banheiros, fui abordado por homens que me viam como um possível parceiro, mas sempre que revelava que meu interesse tinha fim científico, muitos desistiam de colaborar ou não compreendiam. Questionavam-me constantemente: “*Como é fazer uma pesquisa no banheiro?*”; Era um encontro de interesses e desejos divergentes. Por isto, eu dava-lhes o direito de decidir se queriam ou não participar da pesquisa, e respeitava a opinião. Claro que eu insistia, no entanto, eu percebia a limitação de homens que são pais e/ou casados com mulheres, por este(s) motivo(s) tinham medo de se expor; já que se trata de práticas *sigilosas* e *discretas* como são muitas vezes denominadas por eles.

Por meio de entrevistas semi-estruturadas pude identificar os territórios homoeróticos, suas representações e os significados atribuídos sobre suas posições e experiências. Por tratar-se de práticas estigmatizadas e pouco conhecidas pelo meio social, busquei cuidadosamente não identificar os interlocutores, e prezei por realizar as entrevistas em ambientes indicados por eles, que disponibilizassem segurança e privacidade para os entrevistados, uma vez que estariam expondo suas intimidades para mim.

Por fim, esta pesquisa não teve pretensão estatística ou quantitativa, pelo contrário, meu interesse foi de apresentar as possibilidades da vivência da sexualidade em espaços que fogem os padrões construídos e instituídos socialmente, assim me aproprio da perspectiva de Claudia Fonseca sobre o fazer etnográfico:

A força da etnografia está na sua capacidade de contar história. As histórias são escolhidas, apesar de nunca serem “típicas”, são – quando exploradas em toda sua especificidade – sempre reveladoras. Ainda mais, contar histórias é uma forma de transmitir algo do clima da revelação entre pesquisador e pesquisados, clima esse que é parte integrante dos “dados” (2005, p.263).

Geertz (2013) explora a etnografia como tradutora do pensamento e comportamento social, tendo seu principal objetivo tornar assuntos obscuros em inteligíveis. Da Matta (1985) afirma que o modo característico da pesquisa de campo é

obter dados para a reflexão teórica, exigindo do pesquisador permanência longa e análise profunda da sociedade observada, os valores morais e sistemas culturais específicos dela. Roy Wagner (2010) contemporâneo de Geertz, afirma que o antropólogo constrói uma realidade a partir de sua experiência. O texto etnográfico é uma perspectiva do pesquisador, logo para Wagner:

O fato de que a antropologia opta por estudar o homem em termos que são ao mesmo tempo tão amplos e tão básicos, buscando entender por meio da noção de cultura tanto sua singularidade quanto sua diversidade, coloca uma questão peculiar para essa ciência. Assim como o epistemólogo considera o “significado do significado”, ou como o psicólogo, que pensa sobre como as pessoas pensam, o antropólogo é obrigado a incluir a si mesmo e seu próprio modo de vida em seu objeto de estudo, e investigar a si mesmo. Mais precisamente, já que falamos do total de capacidades de uma pessoa como “cultura”, o antropólogo usa sua própria cultura para estudar outras, e estudar a cultural geral.” (2010, p.28).

Roy Wagner ainda discute sobre o contraste cultural que revela a cultura do pesquisador em contraposição a cultura do pesquisado, isto vai causar o que Wagner chama neste processo de tradução de reinvenção da cultura. São as representações do etnógrafo a partir dos seus códigos (que ele não se desfaz e não se desfará) que cria uma nova cultura interpretada com base na realidade estudada.

Geertz (2013) propõe que o informante, ou neste caso, opto por chamar de interlocutor, já que é uma construção de um diálogo entre uma relação estabelecida entre pesquisador e pesquisado, revelará o que os seus semelhantes veem, sentem, pensam, imaginam, isto ele denomina “experiência próxima”. Tomando este pensamento, Geertz ressalta a importância do trabalho de campo e a compreensão de signos dos nativos, “como compreender a luva do apanhador sem entender o jogo de beisebol?” (p. 74). Mas, para esta possibilidade de inserção no meio e ter contato direto com sistema de símbolos alheio, é necessário habilidade, ser aceito por quem se estuda, isso requer o desenvolvimento de capacidades e experiência do etnógrafo. Preocupe-me principalmente, em destacar e apresentar o ponto de vista dos entrevistados, suas interpretações sobre si mesmos sobre as relações

afetivas fragmentadas e efêmeras que são estabelecidas com o outro sujeito durante e posterior a *pegação*, este é apresentado como modo etnográfico “polifônico” como sugerido por Clifford (2008) e o modo “interpretação” quando contrasto os relatos e representações nativas com minha análise teórica a partir dos conceitos que irei empregar, como o de Bauman (2004) que constrói uma radiografia das relações amorosas líquidas na modernidade; as representações e interações sociais sobre a perspectiva de Goffman (2009), e as “técnicas corporais” de Mauss (2003).

O banheiro então pode ser legitimado como um campo para as ciências sociais, este que propicia à investigação antropológica e fazendo-me pensar a respeito da gama de relações e complexidades estabelecidas sobre as sexualidades no contexto não metropolitano. Diferentemente de São Paulo onde Perlongher (1987) realizou a pesquisa sobre “O negócio do michê”, Santarém não tem espaços próprios para lazer e trocas eróticas e sexuais de pessoas do mesmo sexo (refiro-me à saunas, cinemas pornô, entre outros) estes são comercialmente e estrategicamente construídos.

Os banheiros públicos em Santarém (PA) neste caso se constituem, como um espaço-chave para a realização de práticas eróticas e de encontro, estando conscientes do perigo de serem vistos à qualquer momento, muitos dos homens entrevistados afirmaram que o sexo tornava-se mais prazeroso pelo sentimento de adrenalina e perigo. O homem ao relacionar-se com outro, busca a satisfação dos seus desejos, como já dito anteriormente, prezam pela discricção e o anonimato, sendo este compartilhado¹¹. A cidade opera sobre uma égide histórico-social dominante da heteronormatividade. Assim, os atores homossexuais que utilizam estrategicamente os banheiros, desejam permanecer em “armários” (MISKOLCI, 2013; SEDWICK 2007)) pois os desejos individuais de homossexuais masculinos sofrem opressão externa e sobre um sofisticado regime social de controle da sexualidade, o que eu espero que seja percebido nos próximo capítulos deste trabalho.

¹¹ O conceito de sigilo compartilhado remete ao sentido apresentado por Miskolci (2013), que será discutido ao longo desta monografia.

DIFICULDADES E NEGOCIAÇÕES DURANTE A PESQUISA DE CAMPO

Meu estudo buscava compreender a sexualidade do “outro”, e falar de sexualidade é algo que invade a personalidade e intimidade de cada entrevistado, dificultado ainda mais quando a sexualidade que está sendo abordada é estigmatizada. Investigar sexualidades, ou mais precisamente contextos eróticos e de sedução, implica o desenvolvimento de estratégias e instrumentos metodológicos arrojados e capazes de dar conta das tensões, complexidades e não-ditos que configura a arbitrariedade dos pares binários que socialmente estereotipam o debate sobre a sexualidade (ativo-passivo; homem- mulher; público-privado; visível, invisível). Acredito que, tanto no que concerne às estratégias de inserção no campo e produção de dados, quanto à produção textual da etnografia, seja preciso criar “novas formas de escrita etnográficas sensíveis às vidas interiores dos sujeitos” (DAS, 1995, apud PEIRANO, 2006, p.27).

Se como sugeriu Mariza Peirano (1995), a etnografia deve ser percebida através do cruzamento entre opções teóricas, arranjos contextuais, a trajetória biográfica do pesquisador e as circunstâncias que conformam a experiência empírica, no caso específico das pesquisas que se pautam em contextos eróticos e práticas sexuais é preciso operar a partir de narrativas de si e narrativas de outro, contraponto a experiência pessoal do pesquisador à experiência dos interlocutores num processo de reflexão. Segundo Rubens Elias da Silva (2014) o campo é o coroamento do ofício ou *métier* do cientista social (mais especificamente, o antropólogo), pois propicia a fundamental interação intersubjetiva entre pesquisador e grupo investigado.

Muitos dos nativos que foram indicados pelo casal Victória e Letícia, não aceitaram colaborar, ou ainda, houve casos dos que aceitavam, mas pediam para as entrevistas serem desconsideradas. Por acreditarem que a cidade é pequena, e que a maioria das pessoas se conhecem, temiam ser reconhecido durante a explanação de minha pesquisa.

Durante as entrevistas, eu era questionado constantemente pelos interlocutores que duvidavam a todo o momento sobre os aspectos éticos a respeito da resguarda de suas imagens. Precisei criar afinidade, e explicar detalhadamente como seria abordada a pesquisa, quais os princípios éticos e

metodológicos moviam-me durante a mesma. Em uma entrevista, fui ameaçado por um interlocutor que me disse estar curioso e ansioso para assistir a apresentação e minhas análises, e completou dizendo que se durante minha arguição do trabalho de conclusão de curso, se eventualmente fosse mencionado aspectos que o identificasse, ele me processaria, em seguida ele sorriu, mas eu sei que estava falando a verdade, era essa a sua realidade e deseja que permaneça oculta.

No entanto, grande parte dos entrevistados, se sentiam privilegiados em contribuir com uma pesquisa científica, mesmo que não entendessem muito bem sobre o fazer antropológico, confundiam-me com psicólogo constantemente. O contato com os vinte colaboradores, dos quais também considero co-autores deste trabalho, sem a colaboração deles, não conseguiria entender as representações e seus sentidos produzidos e atribuídos em suas relações construídas nos banheiros. Em suma, me ligavam durante a madrugada, mandavam mensagens de celular sempre que se lembravam de algo que achavam pertinente para compor as informações que já haviam dado.

Quando eu era solicitado a explicar o que eu estava pesquisando, percebia o quão difícil era. Eles não entendiam a associação do *gaydar* com a *pegação* nos banheiros e nem sobre o sistema de representação ou de racionalização afetiva, o que eu via neles, eles não conseguiam ver. Embora alguns tentassem demonstrar que haviam compreendido; como eu conseguia os entender? Ou pelo menos eu achava que estava conseguindo. Pediam para que eu explicasse sistematicamente a minha análise teórica, no entanto eu notava o quanto era difícil a apreensão deles e a correlação das teorias com o comportamento dos mesmos. Mas, eu sabia que eles tinham o direito de saber minha análise sobre eles de forma cuidadosa, sem julgar moralmente qualquer comportamento a mim revelado. Mas como expressa Bourdieu em o *Ofício do Sociólogo* (1999), a questão estudada está na cabeça do pesquisador, as relações teóricas com o objeto, são um “problema” da pesquisa e não nativa.

O principal problema apresentado *in loco* foi observar o não-observável, mas possível pelo meio da “performatização através dos relatos” (BUTLER, 2003), possibilitando a reconstrução da cena. Já que sempre que eu entrava no banheiro, automaticamente os atores paravam de tocar os corpos um do outro, eu os interrompia na sua atividade, e na efetivação do desejo, deixava-os

envergonhados. Isto por achar que a relação homem com homem é proibida, negativa, historicamente estigmatizada. Agiam conforme a heteronormatividade, por uma coerção social que dominavam conscientemente os seus corpos.

Eu também estava sendo observado, era analisado e entrevistado por todos eles, questionavam-se porque eu estava estudando-os, por que pesquisar os banheiros? Estava ciente de que era observado por eles. Não é a toa, que eu fora visto como um possível parceiro em alguns casos, ou como namorado de entrevistados. Para mim não havia problema, mas eu sabia que estava interferindo na “paquera” de quem eu solicitava acompanhar.

Por fim, após as negociações e a permissão e consentimento dos envolvidos para a efetivação da pesquisa, prometi-lhes entregar o trabalho para lerem assim que finalizado, e os convidarei para a arguição, dependerá deles a vontade de comparecer ou não no dia.

CAPÍTULO II

A ETNOGRAFIA

*“No banheiro, se você não estiver afim,
Nunca levante a cabeça”.*

(Entrevista realizada em Outubro de 2014)

Para compreender os sentidos produzidos em todo o processo da realização da *pegação*, foi preciso penetrar as representações dos indivíduos. Goffman (2009) foi essencial, me dando suporte teórico para a análise desse “grupo”, assim ao longo do trabalho apresentarei categorias que dialoguem com a objeto de pesquisa, contrastados com as categorias nativas.

Sobre as representações a partir de Goffman, podemos entender que um indivíduo, ao chegar à presença dos outros, estes, procuram obter informações a seu respeito. A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Se o indivíduo lhes for desconhecido em determinada ocasião, os observadores podem obter, a partir de sua conduta e aparência, indicações que permitam utilizar as experiências que já tenham vivido similarmente com outros indivíduos, afinal somente indivíduos de determinado tipo são encontrados geralmente em um dado cenário social.

Assim, o trabalho de Goffman revela técnicas sobre o controle que os indivíduos procuram ter sobre as impressões que querem causar para os outros. Durante a representação do ator, valerá perceber todos os movimentos que ele quer passar, a comunicação corporal está presente nesse “jogo social”, em que é preciso seguir as regras de acordo com o ambiente em que estão inseridos.

Os espaços elencados pelos entrevistados e observados foram: Universidades, praças, casas de shows (as festas de reggae, rock e pop rock), boate, Casa da cultura, restaurantes, academias, Mercado 2000, Sesc e Parque da Cidade. Aqui deter-me-ei a duas casas de shows, que classifico como “manchas” de lazer. Segundo Magnani (2000), as manchas são áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus

limites e viabilizam cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando uma atividade ou prática predominante. Os banheiros das casas de show fazem parte do “cenário” (GOFFMAN, 2009). O sentido empregado de *cenário* segundo Goffman, concerne no ambiente em que ocorrem a ação humana.

De tal modo o cenário tende a permanecer na mesma posição, geograficamente falando, de modo eu aqueles que usem determinado cenário como parte de sua representação não possam começar a atuação até que tenham se colocado no lugar adequado. Os dois cenários investigados, apresentam através dos atores sociais as práticas estudadas de sociabilidade homoerótica em Santarém, assim o cenário está composto por ambientes que ajudam a construir a interação social destes agentes, em que a interação inicia na parte externa do banheiro e que não termina na finalização da *pegação* como compreenderemos no decorrer do trabalho. Por isto, tanto as casas de show Morangos e Mangueira foram escolhidos por mim para serem etnografados, pela conexão dos agentes com os espaços citados.

As representações sobre os banheiros dos espaços supracitados constituem um conjunto de sentidos construído, que serão apresentados ao longo do trabalho. Mas, o banheiro pode ser pensado como um “território de *pegação*”. Segundo Guattari (2000) “território” pode ser definido como um produto da subjetividade de indivíduos e grupos sociais que se apropriam de determinados espaços físicos, isto é definidos por um grupo através de dinâmicos processos de atribuição de significados.

A primeira casa de show que me aproprio para análise é o Morangos localizado na Rua Presidente Vargas no Centro da cidade; o mesmo tem dois andares e cada andar com um ambiente: O primeiro com a venda de bebidas alcoólicas, e um palco com música ao vivo e no segundo andar um terraço para fumantes. A programação acontece no horário noturno a partir das 22 horas de quarta a domingo e os ritmos variam conforme os dias. Por exemplo, na quarta-feira e quinta-feira apresentam-se bandas de pagode, sexta-feira de sertanejo, sábado rock ou reggae ou metal e no domingo MPB. Sendo a sexta e o sábado os dias com maior lotação. A maioria dos frequentadores do Morangos são heterossexuais, no entanto, entre os interlocutores que frequentavam este estabelecimento que se assumiam *gays*, o denominavam como *Morangosgay*

pelo público ser diversificado e ser frequentado por homens que se identificavam como tal. O segundo andar há uma área de convivência e disponibiliza de banheiros com utilização com menor frequência em comparação ao do andar de baixo, assim este se torna favorável para *pegação* entre homens.

Outro espaço utilizado para análise foi a casa de show Mangureira que funciona no horário noturno a partir das 19 horas, situada na Rua Jasmim, no bairro da Interventoria, na periferia da cidade. Este cenário é composto por apenas um ambiente aberto. O recinto é simples e possui dois banheiros, um destinado ao gênero masculino e o outro ao feminino. A Mangureira bar não possui uma programação fixa, mas divulgam seus eventos na mídia, as bandas de reggae geralmente tocam às sextas, o que atrai em suma jovens universitários homens e mulheres. Homossexuais também frequentam o espaço, geralmente quando ocorrem as festas de *reggae*, pois para eles a festa apresenta um estilo alternativo que os atrai, assim o *reggae* é nomeado por eles como “*reggay*”.

Em ambos os espaços pude perceber a utilização do termo *gaydar*, do qual tratarei neste trabalho como técnicas apropriadas pelo corpo para comunicação entre os indivíduos em determinado contexto social, pois segundo eles, o *gaydar* é o meio em que o “*gay*” – Ou ainda, o homem que tem experiências homossexuais - pode identificar “outro” *gay*, ou interessado em realizar a *pegação*. Esta comunicação apresenta-se de duas formas: “Expressões dadas expressões emitidas” (GOFFMAN, 2009, p. 14). Sendo elas arquitetadas propositalmente quer não, de natureza não verbal e intencional.

Para facilitar a visualização, abaixo uma ilustração sobre uma visualização panorâmica desses espaços apresentados: Morangos (Imagem I) e a Mangureira (Imagem II).



Imagem I: Morangos. Fonte: Mazzile Tavares, 2014.

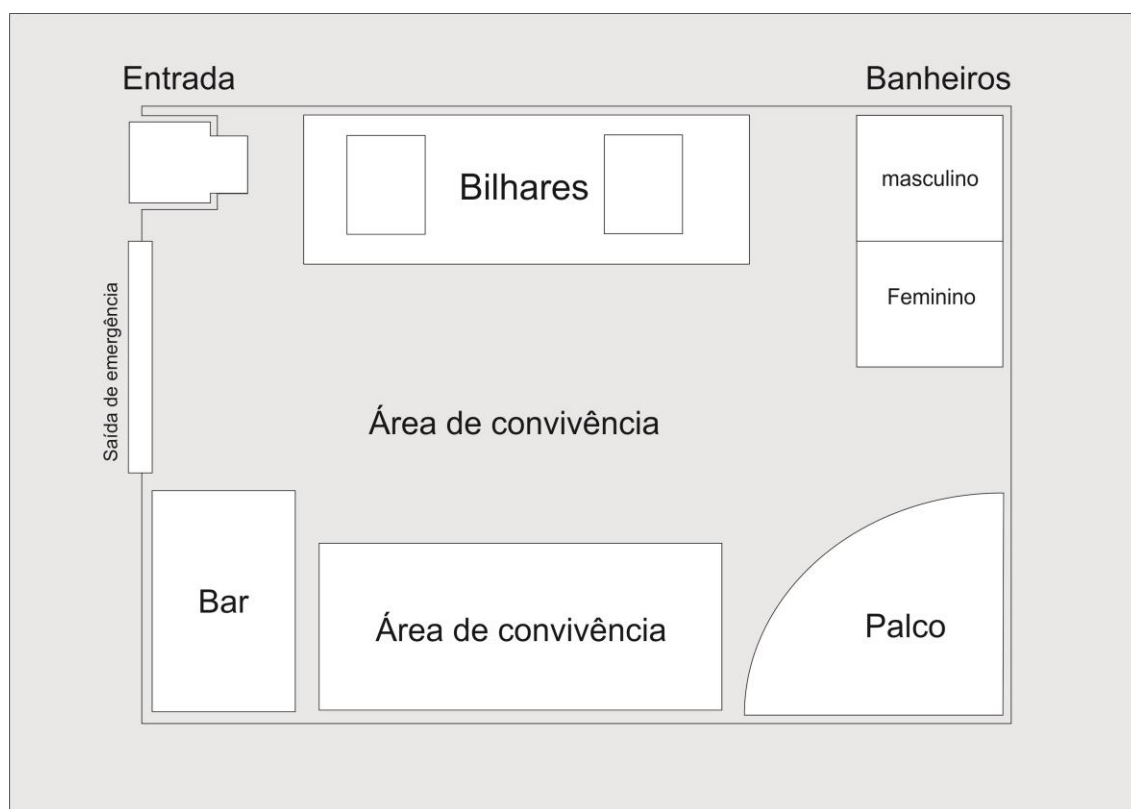


Imagem II: Mangueira. Fonte: Mazzile Tavares, 2014.

Os banheiros nos dois espaços funcionam como uma bricolagem, onde os homens ressignificaram o seu sentido de uso, sendo também utilizado, além do espaço onde são realizadas as necessidades fisiológicas, agora também como uma cabine de prática homoerótica e sexual.

Os banheiros não fogem a regra, são também normatizados como já dito no primeiro capítulo. As regras sociais definem situações e tipos de comportamentos que devem ser seguidos, especificando ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. “Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo.” (BECKER, 2008, p.15). Becker define esta pessoa com este modelo de comportamento como um “outsider”.

O grupo de homens que realizam esta prática nos banheiros, são por mim vistos como outsiders, uma vez que julgam-se como infratores de regras sociais, primeiro por relacionarem com homens e por acreditarem que isto é “errado” e segundo, por utilizarem os banheiros para práticas sexuais, e temerem serem vistos por alguém. São outsiders por conta das próprias cosmologias apresentadas por eles, não por eu acreditar que eles são desviantes das regras do grupo, pois para mim eles não são.

AS TÉCNICAS CORPORAIS NO PROCESSO DE CONQUISTA DO PARCEIRO

“O gaydar é um radar dentro da gente, você tem que sentir quando o outro está ou não afim. Você não sente?”
(Entrevista concedida em setembro de 2014).

Antes da pesquisa, frequentava o Morangos, mas não com muita constância. Não notava as relações nos banheiros, e nem as trocas dos olhares, isto claro, meu objetivo neste era entretenimento com amigos. No entanto, quando passei a ir com um olhar treinado e motivado a compreender o que me interessava, as informações dadas pelos entrevistados e as observações contribuíram para a investigação que evidenciou o Morangos como um espaço parte deste circuito de *pegação* na cidade de Santarém. Daí a

importância do olhar como um instrumento metodológico da antropologia, em que treinado e em exercício, torna possível a consumação da pesquisa, neste caso em específico, ajudou-me a entender este processo de “conquista imediata”, diferentemente da conquista de alguém que tem o contato com o (a) parceiro (a) diariamente e este processo possibilita um tempo maior. A conquista imediata então é o *aqui* e o *agora*.

Em Setembro de 2013 quando me inseri no campo, procurei me aproximar dos interlocutores, passando a acompanhá-los nos espaços de *pegação*. No Morangos, as pessoas estão sempre arrumadas, em grupos de amigos que são divididos por mesas, outros optam por ficar em pé para dançarem. Em algumas mesas encontram-se bebidas, a exemplo torres de cervejas - entre outras como refrigerante e água. No dia em que fui, um sábado do mês de setembro, pessoas conversavam e aplaudiam a cantora que se apresentava, às vezes cantavam e pulavam conforme o ritmo da música. As luzes deixavam os sorrisos e olhos brilhando no escuro, ou pessoas que por ventura, estavam com roupas de cores brancas ou claras. Na frente do estabelecimento, estavam estacionados automóveis e poderia se encontrar pessoas que conversavam enquanto fumavam.

Neste dia estava acompanhado de meu principal informante, que aqui irei chamá-lo de João. João me apresentava o ambiente, pessoas, e como tudo acontecia, e realmente eu passei a entender o “processo” das interações dos homens que buscavam relacionar-se com outros homens. Ocupávamos as cadeiras de uma mesa, bebíamos e ele me explicava como funcionava o *gaydar*.

Primeiro é necessário encontrar alguém que seja interessante para o indivíduo, e que corresponda. Isto é, ao perceber no ambiente um possível parceiro, olha-se fixamente para ele, até que ele perceba que está sendo observado, ou como eles chamam tem que *encarar*. Inicialmente, pode demorar certo tempo, após esse processo de conquista, em que a ida ao banheiro de uma das partes, seguido do outro, consuma-se então a eficácia da apropriação da técnica do *gaydar*.

Com o passar do tempo, João me disse que seu *gaydar* estava ativado, ou seja, ele estava rastreando o possível parceiro da noite. Não necessariamente o *gaydar* vai rastrear gays, mas sim homens que estejam

interessados em relações homoeróticas. No entanto, como o *gaydar* funciona? Segundo João e outros entrevistados, trata-se de observar a pessoa em questão em vários aspectos: Forma de falar, andar, sorrir, mexer as mãos e principalmente de olhar, esta busca deve corresponder ao tipo de parceiro que se procura, aspectos corporais, sociais (idade, classe, raça). O olhar é imprescindível nesta ocasião, já que através dele torna-se possível o contato olho no olho.

-Pesquisador: *O que é o gaydar?*

-Interlocutor: *É o radar dos gays.*

-Pesquisador: *Como ele funciona?*

-Interlocutor: *É quando você desconfia que alguém é gay, e tem que prestar bastante atenção na pessoa de forma discreta, nas atitudes dela, no seu comportamento. Uma capivara conhece a outra no meio do mato, entendeu?* (Entrevista realizada em Setembro de 2014).

Neste processo de conquista através do *gaydar*, em particular do olhar, trata-se uma “técnica corporal” (MAUSS,2003), desenvolvida como forma de comunicação corporal e não-verbal destes homens para facilitar, e eu diria que até mesmo de agilizar a sociabilidade entre eles. O corpo para Mauss é “o primeiro e o mais natural instrumento homem. Ou mais, exatamente, sem falar de instrumento: O primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo” (p. 407). Compreendo neste sentido que os códigos apreendidos e que instrumentalizam o *gaydar* são compartilhados, claro. E que foram aprendidos com o contato entre eles, assim como eu os aprendi. “Não há técnica e nem transmissão se não houver tradição” (MAUSS, 2003, p.407).

Mauss exemplifica através do ato de um indivíduo beber água, em que neste simples comportamento há um amontoado de modos, e não simplesmente por ele próprio, mas por conta da sua educação, e de toda a sociedade em que ele faz parte, e a posição em que ocupa. Assim, também recordo neste sentido dos garotos de programa que situam-se nas esquinas da cidade, e quando os carros passam, começam a pegar no próprio pênis, alguns colocam panos para dar volume, e olham fixamente para os carros.

Em outubro de 2013, quando entrevistei outro interlocutor, Mateus, de vinte e dois anos, ele não queria que eu o acompanhasse no Morangos, pois eu iria atrapalhar o seu processo de conquista, pois os seus possíveis parceiros, poderiam pensar que éramos namorados. Mas, mesmo não acompanhados fui observar, ainda que distante como Mateus utilizava o radar gay. Em outro momento, ele definiu sobre o que seria o *gaydar*, assim segundo sua perspectiva:

O gaydar é o radar dos gays, podemos reconhecer se um cara está ou não interessado em você quando ela começa a te encarar, daí começo a ver como ele anda, fala, mexe a mão ou se veste. Quando o gaydar apita, é porque o cara é gay. Poderia dizer que o gaydar é um sexto sentido, as vezes nossa audição e visão não nos enganam? Então, o gaydar também engana. (Entrevista concedida por Mateus no dia 13 de outubro de 2013).

Como assim o *gaydar* também engana? Mateus contou-me que em uma ocasião na sua universidade trocava olhares com um rapaz, acreditando que o ele estaria interessado nele, aproximou-se um dia, e começaram a conversar em uma mesa do restaurante da universidade. O rapaz então, disse-lhe que era evangélico e enfatizava que estava em busca de mulheres para namorar. Mateus me disse que neste caso, o *gaydar* pode ter falhado, mas que continua *sentindo* de forma latente que ele é gay. Mas, então como se pode ter certeza neste caso? “*Não se tem cem por cento de certeza, mas sim noventa e nove por cento.*” (Mateus argumentando sobre o uso do *gaydar*. Entrevista em novembro de 2014).

A partir dos relatos e de minha apreensão sobre os códigos e em especial, através do *gaydar*, é possível perceber a manifestação sobre a técnica do *olhar* nas interações sociais descritas, em que todas as relações de sociabilidades entre homens foram iniciadas através da comunicação entre *olhares*. Olhares que iniciavam *fora* dos *banheiros* e terminavam com *pegações* nos *boxs*¹², eram entendidos por estes agentes sociais. Isto é, este é o código que se deve entender entre estes agentes, pois caso este *olhar* não seja correspondido pelo outro, logo este pode não se interessar pelo mesmo.

¹² Divisões com sanitários situadas no interior dos *banheiros*, que permite o trancamento de portas.

O olho no olho é, portanto um estímulo importante para a ação desses indivíduos. O olhar pode confirmar um sentimento, um desejo, aproxima, afasta, ou seja, pode revelar códigos sociais importantes para a compreensão de grupos e sociedades, coube a mim então, entender por meio dessas interações tão diversificadas.

João ia de vez em quando ao banheiro, me pedia para não ir junto, pois eu atrapalharia a interação com seu *affair*. Quando retornava após alguns minutos, contava-me que o fluxo estava grande no banheiro, mas que foi possível trocar contatos. As vezes ele desaparecia, e me mostrava com quem havia *ficado*¹³, uma vez, contou-me que tinha ficado com um homem casado no banheiro, enquanto que a esposa dele estava na mesa esperando-o.

Em outras ocasiões que frequentei o Morangos com outros informantes, notei uma grande preocupação deles com a aparência, isto é, preocupavam-se com a roupa que vestiam, em como o cabelo estava penteado, se os sapatos combinavam com a roupa, quais os acessórios usar ou não usar e até mesmo atributos corporais como músculos são ressaltados, com camisas apertadas que destaquem os braços e o peitoral. A conquista então é a performatização do corpo, sendo a conquista um conjunto de fatores complementados por técnicas e instrumentos de sedução. Explica o estudante Natalino, vinte e dois anos: “*Quando chega alguém desconhecido, a gente liga o gaydar e descobre se o cara é o não gay. A gente olha e caminha em direção ao banheiro, e aguarda o outro lá. Se ele for, nos trancamos no box.*” Estabeleço então uma correlação entre este dado e com o sistema de códigos que possibilitam a identificação de quem é ou não homossexual, a partir de Goffman que postula:

Em presença dos outros, o indivíduo geralmente inclui em sua atividade de sinais que acentuam e configuram de modo impressionante os fatos confirmatórios que, sem isso, poderiam permanecer despercebidos ou obscuros. Pois se a atividade do indivíduo tem de tornar-se significativa para os outros, ele precisa mobilizá-la de modo tal que expresse, *durante a interação*, o que quer transmitir (2009, p.36).

¹³ O termo “ficado” é um jargão nativo. Neste sentido, o ter “ficado” é a forma pretérita do “Ficar” assim como a expressão “está afim?” são convites para a *pegação*.

Muitas vezes, vi homens que olhavam para todos os lados, e pareciam que procuravam por alguém. Suas cabeças davam um giro de 360° e completava uma observação de todo o ambiente. De tempo em tempo chegam pessoas novas ao recinto, a circulação interna é constante. Estas pessoas que vão para o Morangos ou outro lugar, em busca de um parceiro para *pegação* ou prática sexual, são chamados de *caçadores*, e se for afeminado como descrevem os interlocutores, o termo é usado no feminino, *caçadora*. Em uma ocasião em que eu realizava a observação, fui presenteado com uma cerveja. O garçom havia levado para mim, e me informou que um rapaz teria mandado. Logo notei qual o rapaz de que se tratava, e logo percebi que eu poderia está sendo considerado como um caçador, já que eu só observava os homens que circulavam. Assim, eu também estava sendo alvo do processo de conquista e sedução. Mais uma vez, eu estava ciente de que meu comportamento enquanto pesquisador ao realizar a observação, não tinha o mesmo objetivo da observação para eles.

De tal modo, podemos pensar que as técnicas do corpo são conscientes por quem as utiliza, e abrangem não somente questões psicológicas, mas também sociológicas e biológicas; o que Mauss denomina como “homem total” (2003). Neste sentido, ajuda nos a pensar que estes homens movidos pela libido, pelo próprio desejo em relação ao outro, envolvendo tanto a morfologia quanto a taxonomia dos seus corpos, englobando aspectos sociológicos, psicológicos e biológicos no processo de conquista do parceiro. Tratamos assim de homens totais.

Todo este processo de conquista e sedução também está presente na Mangueira, com os mesmos códigos e instrumento. No entanto, no Morangos as pessoas apresentam-se de maneira mais formal, mais arrumadas, e na Mangueira, como eles associam o *reggae* ao estilo alternativo, uma camiseta, bermuda e sandálias compõem a vestimenta dos frequentadores. Durante a entrevistas notei que os frequentadores da Mangueira, não frequentavam este espaço por conta do ambiente, mas sim por causa das bandas de *reggae*. Inclusive, recentemente as bandas de *reggae* não apresentam-se mais na Mangueira, pois o dono do estabelecimento não pagava os músicos. Agora as festas acontecem no Altas Horas. No entanto, os dados coletados durante a pesquisa de campo, sendo elas observações e entrevistas, foram suficientes

para realizar a análise. Uma das entrevistas que expos minha própria sexualidade, foi realizado em julho deste ano com Breno de vinte e nove anos, frequentador das festas de *reggae* na Mangueira:

-Pesquisador: *O que é o gaydar?*

-Interlocutor II: *Não faça de desentendido, você tem e sabe do que se trata.* (risos)

-Pesquisador: *Não, eu não sei. Pode me explicar?*

-Interlocutor II: *Você é gay né? Quando te vi meu gaydar apitou, sem ofensas.*

-Pesquisador: *E o que eu fiz pra ele apitar?*

-Interlocutor II: *Teu jeito. Tem gente que se entrega logo, mas tem uns que só você encarando, se a pessoa retribuir ai tem. Mas, olha foi só um trejeito que vi em você, nada que deva ficar preocupado.* (Entrevista realizada em Outubro de 2014).

A noção construída sobre o *gaydar* é a mesma nos dois contextos. A *pegação* no *banheiro* da Mangueira e do Morangos que são intermediados pelo olhar e acontecem com a demonstração do interesse entre ambas as partes e que compartilham pelo mesmo desejo¹⁴. Guimarães (2004) associa a importância do olhar (e de outros códigos não verbais) com a prática da *pegação* e a interação em locais como bares e boates frequentados por homossexuais, principalmente no caso de o objetivo do intercâmbio ser exclusivamente sexual.

No entanto, Santarém por ser uma cidade considerada pelos interlocutores como “pequena”, os indivíduos buscam não demonstrar comportamentos que sejam associados à “homossexualidade”, pois este carrega estigmas historicamente construídos. Por este motivo, segundo afirmam os praticantes da *pegação* entre homens nos banheiros, idealizam um

¹⁴ *Subjetividade capitalística* como empregam Guattari e Rolnik (2000) em que segundo eles: “Há um certo tratamento serial e universalizante do desejo que consiste precisamente em reduzir o sentimento amoroso a essa espécie de apropriação do outro, apropriação da imagem do outro, do corpo do outro, do devir do outro, do sentir do outro” (p. 281).

parceiro que seja discreto e que não “*dê pinta de bicha*”¹⁵. Por isto, prezam pelo reconhecem como sigilo.

O SIGILO COMPARTILHADO: O BANHEIRO COMO ARMÁRIO

Em suma, os homens que se relacionam com outros homens “idealizam” (GOFFMAN, 2009) os seus próprios comportamentos e o de seus parceiros. Um homem interessado em fazer *pegação* com outro homem em um ambiente público de maneira rápida, fragmentada, e digamos fortuita, busca um parceiro que baseado na perspectiva deles, seja: “*discreto*”, “*não dê pinta de bicha, haja como macho*”, “*curta em sigilo*”, “*não fale como um pato, fale como homem*”, “*não quebre a munheca, seja másculo*”, “*não seja afeminado*”, entre outras exigências de como se deve ser e agir para ser conquistado e seduzido.

Neste sentido, Goffman (2009) ajuda a pensar sobre o sentido de “idealização”, para isto utiliza a opinião de Cooley (1922) como exemplo:

Se nunca tentássemos ser melhores do que somos, como poderíamos melhorar ou educar-nos de “fora para dentro?” Este mesmo impulso de mostrar ao mundo aspecto melhor ou idealizado de nós mesmos, encontra uma expressão organizada nas várias profissões e classes, cada uma das quais até certo ponto tem um linguajar convencional ou atitudes próprias, que seus membros adotam inconscientemente, na maior parte das vezes, mas que tem o efeito de uma conspiração para atuar sobre a credulidade do resto do mundo. (apud GOFFMAN, 2009, p.40-41).

Então quando o homem age de forma “orientada” de acordo com os princípios impostos pelo meio social, pois conforme Goffman argumenta, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar valores oficialmente reconhecidos pelo grupo ou por toda a sociedade em que ele está inserido, ou seja, se um individuo tem que dar padrões ideais na representação, então terá que abandonar ou esconder ações que não sejam compatíveis com eles.

¹⁵ A partir da perspectiva dos interlocutores, seria o homem afeminado. Algumas categorias de classificação de gênero são apresentadas pelos interlocutores durante o relato como veado, bicha, baitola, cafuçú, boiola, etc; que visam distinguir-se e hierarquizam-se por meio destas.

Para Bourdieu (2014) a relação com o próprio corpo não se reduz a uma “imagem do corpo” (p.79), isto é, a representação subjetiva que um agente tem de seus efeitos sociais, tais como o charme e a sedução, exemplificados por Bourdieu. Sendo a “imagem do corpo” constituída essencialmente pela representação objetiva, através do *feedback* pelos outros. Estes inscritos corporais são percebidos entre os agentes em interação que constroem estruturas de oposição sobre os corpos, como grande/pequeno, grosso/fino, forte/fraco.

Recordo-me de um interlocutor que me contara o seguinte: depois que entrou na academia e teve seu peitoral malhado e barriga sarada, os homens iam sempre atrás dele quando entrava no banheiro. “*Sou assediado sempre que vou ao banheiro, os caras começam logo pegando na minha barriga e no peito, e eu aproveito.*”

O corpo percebido é duplamente determinado socialmente. Primeiramente ele é tudo aquilo de mais natural (peso, musculatura, volume), então se pode pensar que o corpo é um produto social, que dependerá das condições sociais de produção. Por outro lado, Bourdieu afirma que as propriedades corporais são esquemas de percepção cujo uso nos atos de avaliação dependem da posição social ocupada no espaço social. “As taxonomias em vigor tendem a contrapor, hierarquizando-as, as propriedades mais frequentes entre os dominantes e os que são dominados” (BOURDIEU, 2014, p. 80).

Em maio de 2014 fui ao Morangos num sábado, estava acompanhando um casal de homens, sendo eles Lúcio que é professor universitário, trintas anos e William, estudante de medicina de vinte e três anos e Dora, uma amiga de Lúcio que acabara de chegar da Suíça que é transexual, nascida em uma cidade próxima de Santarém, chamada Oriximiná. William e Lúcio estavam namorando há uma semana. William contou para Lúcio que agia com discrição e *sigilo*¹⁶ para não ter sua identidade *gay* revelada por outros, pois futuramente iria adquirir status de médico, e Lúcio não tinha problema em dizer que é *gay*. Essa questão caracterizada por William comprova como estes operam sobre uma lógica de normatividade heterossexual.

¹⁶ Termo utilizado pelos entrevistados para designar sujeitos *gays* que não são assumidos e que prezam pelo segredo.

William estava se sentindo incomodado com a presença de Dora, que acreditava que todos os presentes no estabelecimento haviam percebido que Dora era transexual por ser extravagante, isto é, o incômodo para ele dava-se principalmente porque ela chamava muita atenção, pois ria alto, falava alto e usava um leque. É notado que William havia incorporado estigmas degenerativos sobre a identidade homossexual. Assim, podemos dizer que alguns destes indivíduos que agem como William, permanecem no que denominam como “armário” (SEDGWICK, 2007), isto é em espaços públicos, mesmo os *gays* que se afirmam como *assumidos*¹⁷, buscam realizar suas relações com seus parceiros “escondidos” dos olhos da sociedade.

O sigilo pode funcionar como a prática subjetiva na qual as oposições privado/público, dentro/fora, sujeito/objeto são estabelecidas, e a santidade do primeiro termo permanece inviolada. E o fenômeno do “segredo aberto” não produz, como se poderia pensar, o colapso desses binarismos e de seus efeitos ideológicos, mas, ao contrário, atesta sua recuperação fantasmática (MILLER, 1988 apud SEDGWICK, 2007, p. 21).

A relação estabelecida de um para com o outro, pode ser entendida como um “sigilo compartilhado” (MISKOLCI, 2013), já que se trata de um “segredo” que está sendo dividido com o outro, e se solicita então que “*não quero que tudo o que aconteceu entre eu e o cara saia dali*” Como me disse João. A mesma relação pode ser entendida entre pesquisador e pesquisado, em que para “reconstruir” essas trajetórias de sexualidades através dos relatos e da observação foi preciso enfatizar que o segredo seria contado, mas os seus nomes não seriam revelados. Quando os homens vão para estes lugares e, o processo de conquista é eficaz, os dois encontram-se no banheiro do estabelecimento para realizarem *pegação*. Inicialmente no banheiro, a comunicação é não verbal. Os dois atores sociais podem usar o mictório, ou um pode estar no mictório e o outro em um *box*.

¹⁷ Os homens *assumidos*, segundo a perspectiva nativa, referem-se aos que se declaram *gays* para a família, amigos e no trabalho e os *não assumidos* aos que não se dizem *gays*. Diferentemente do “entendido(a)” identidade referente à orientação sexual, que tem seu surgimento e significado atribuído ao ideal igualitário da classe média paulista e carioca entre as décadas de 1960 e 1970 (FRY, 1982).

Se os dois estiverem usando o mictório, e não tiver outros homens por perto, podem olhar enquanto mijam, e indiscretamente passar a olhar o pênis um do outro. Se o fluxo de pessoas for baixo nesse momento, e o olhar entre ambos permanecer, um pode tomar a iniciativa e iniciar a masturbação no outro, e vice-versa. Entretanto, se um homem olhar para o pênis do outro, e este segundo ignorar, não correspondendo, permanecendo com a cabeça baixa, e virar-se para ele, logo estará acentuando que não tem interesse em realizar a *pegação*.

Outro caso, se um homem estiver no mictório e o outro for utilizar o *box*, o que está no *box*, deixará a porta aberta e poderá alisar seu pênis para o que está fora visualizar. Ou ainda, deixar o zíper da calça aberta, mostrando o volume do pênis que deve estar ereto, e convidando-o para entrar, claro que o que está no mictório, deve dar um sinal de que está interessado, olhando para o homem que se encontra no *box*.

E um terceiro caso relatado, é que quem está no *box*, pode ser surpreendido com outro homem que pode pedir para olhar o seu pênis, e caso ele esteja interessado permitirá, se não, logo sairá do *box*. Se permitir, poderão se trancar no *box* e realizar a *pegação*. O processo de conquista do lado externo pode facilitar e agilizar as relações no banheiro amenizando os imprevistos, além de possibilitar segurança. Afinal, este encontro entre desconhecidos no banheiro, pode não ter havido uma comunicação visual prévia do lado de fora que dê subsídios enquanto se há ou não o desejo em “pegar-se” com outro homem. Em todos os casos, os homens solicitam que o parceiro não conte para ninguém, e que a relação permaneça em segredo. Estabelecendo assim um “sigilo compartilhado”.

Os entrevistados quando vão ao banheiro em espaços públicos em Santarém, em especial ao Morangos ou a Mangueira Bar, logo idealizam um parceiro e envolve todo um sistema imaginário em encontrar um “tipo ideal”:

O banheiro é um lugar propício para a realização de pegação entre homens, primeiro porque lá só entra homem, racha não entra. Envolve todo um mistério, pois não sabemos quem vamos encontrar, e pode ser até perigoso, já que não se sabe se o outro que podemos nos interessar aceitará ser apalpado. Se o meu gaydar tiver apitado, eu tento, mas se não, tenho que observar para saber se o cara realmente tá a fim de ficar comigo.

Fico imaginando em transar no banheiro, e lá podemos fazer qualquer coisa. Não sei quem vamos encontrar, se vai ser um cara com corpo sarado ou gordo, pênis grande ou pequeno, peludo ou liso. Mas, e se alguém vai nos ver ficando? Percebe o perigo? (...). (Hélio, trinta anos. Entrevista concedida em novembro de 2013).

Para Mary Douglas (1976) em *Pureza e Perigo* desconstrói as noções: puro e impuro; sujo e limpo; segurança e perigo; entre outras noções; são conceitos construídos socialmente. O banheiro se torna o “refúgio” dos homens que buscam relacionar-se com homens, principalmente pela justificativa de não terem um lugar para *ficarem*. Os entrevistados levantaram-me a questão da dificuldade de não terem espaços para “relacionamentos gays” em Santarém. Onde possam sair, sem passar por constrangimentos ou discriminações. Em alguns relatos, compararam com outras cidades, como Belém, Rio de Janeiro e São Paulo: “*nas cidades grandes, como São Paulo há possibilidade de se andar de mãos dadas ou até mesmo de beijar na boca no meio da rua*”, afirma Paulo de vinte e três anos. Com esta afirmação pude refletir como a organização dos espaços urbanos definem a “identidade” homoafetiva, uma vez que Santarém situa-se como uma cidade médio porte e constitui uma população menor que as grandes metrópoles, é inevitável que as pessoas se conheçam. Assim o “eu” fica guardado possibilitando um sentimento de liberdade, já que poucos conheceriam um indivíduo no meio da multidão. Na etnografia sobre um *network* homossexual e homossocial carioca, Carmem Dora Guimarães (2004) afirma que:

Outra possibilidade oferecida pela metrópole é a oferta de espaços sociais legítimos e exclusivos (lugares públicos, como faixas de praia, bares, saunas, boates) para uma clientela de identidade sociosexual estigmatizada [...] nos quais não há maiores sanções ou proibições (p. 65).

Em Santarém posso dizer então, que por não terem um espaço comercial como uma boate *gay*, por exemplo, e por os atores sociais em questão, agirem sobre a coerção social da égide heteronormativa, permanecem no “armário”. Mesmo indo para os banheiros, realizando relações sexuais com outros homens, e prezando pelo sigilo. Para Sedgwick (2007) o

“armário” é uma estrutura definidora de opressão *gay* no século XX que permanece até os dias atuais, e que permanece até os dias de hoje, como uma opressão moderna que indica a homofobia, diferente de outras opressões como o racismo que é um estigma visível, salvo algumas exceções. Afirma que epistemologicamente, este termo é carregado em pares, isto é, segredo/revelação e privado/público, acrescento ainda, o visível/invisível, em que o sujeito quando se propõe às práticas homoeróticas, desde que ele permaneça no “armário” agindo conforme as regras pré-estabelecidas pelo casal, para muito deles este aspecto é fundamental para a vida social, em que “sair do armário” poderia lhe causar uma invisibilidade social. “Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas.” (SEDGWICK, 2007, p.22). O pedido constante dos entrevistados, que me ligavam após as entrevistas pedindo para não revelar seus nomes de forma alguma, até mesmo os *assumidos* temem em ser revelados¹⁸. Segundo ainda Sedgwick, o “armário” não é uma característica específica da vida dos *gays*, uma mulher gorda, por exemplo, pode sair dele.

Aquele trem de imagens dolorosas estava eivado da especificidade epistemológica da identidade e da situação *gay* em nossa cultura. Ressoante como é para muitas opressões modernas, a imagem do armário é indicativa da homofobia de uma maneira que não o pode ser para outras opressões. O racismo, por exemplo, baseia-se num estigma que é visível, salvo em alguns casos excepcionais (casos que não são irrelevantes, mas que delineiam as margens, sem colorir o centro da experiência racial). O mesmo vale para as opressões fundadas em gênero, idade, tamanho, deficiência física. Opressões étnicas/ culturais/religiosas, como o anti-semitismo, são mais parecidas, pois o indivíduo estigmatizado tem pelo menos alguma liberdade de ação – embora, o que é importante, não se possa garantir quanta – sobre o conhecimento das outras pessoas acerca de sua participação no grupo: poder-se-ia “sair do armário” como judeu ou cigano, numa sociedade urbana heterogênea, de maneira mais inteligível do

¹⁸ Sedwick (2007) “Mesmo uma pessoa *gay* assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante.” (p.22).

que se poderia “sair” como, digamos, mulher, negro, velho, usuário de cadeira de rodas ou gordo. (SEDGWICK, 2007, p. 32).

A partir da noção do armário, construída socialmente, em que é pleito a conservação do sigilo, da discrição e do segredo em troca do prazer mútuo, e que estabelece a segurança dos homens que se relacionam com outros homens em busca da satisfação do desejo. A segurança que me refiro, é contra os constrangimentos, opressões sociais. A permanência no armário, é por mim percebida como um meio de se proteger da homofobia e ao mesmo tempo é uma escolha, um estilo de vida que pode ser fortuito ou constante, só depende de cada ator social e de toda a cena ser viabilizada por eles mesmos. Assim o armário é uma representação sobre uma categoria que foi construída historicamente e fazem parte da vida social desses homens, permanecer nele ou sair, dizem respeito somente a eles, este não é o mérito da questão.

Mary Douglas em *Pureza e Perigo* (1976) postula que os sistemas sociais construídos estão em contradição, em certo sentido em guerra consigo mesmos. Em alguns casos, os diferentes fins que os indivíduos são encorajados a alcançar, estão mais harmoniosamente relacionados do que em outros. Então, ela argumenta que “a colaboração sexual é, por sua natureza, fértil, construtiva, a base comum da vida social.” (p. 171). De tal modo, supõe-se que uma espécie de poluição sexual que expressa um desejo de manter o corpo (físico e social) intacto. As regras são expressas para controlar entradas e saídas, no desejo de manter em “ordem” as linhas internas do sistema social. O que quero dizer com isso, é que um “desvio” sexual, acarreta punições morais, sociais e até mesmo de força física.

O banheiro é ideal já que não se tem problema de dois homens estarem no banheiro, pois se acredita que eles estão lá fazendo suas “necessidades fisiológicas” podem estar ou não fazendo. O conselho tutelar faz batida no motel para saber se tem menor de idade, mas no banheiro não tem batida. Já fiz pegação com um menor de idade no reggae, lá não tem problema. (Entrevista realizada com Hélio em novembro de 2013).

Douglas afirma ainda, que em muitos casos há guerras sexuais consigo mesmos, “levando a comportamentos contraditórios pelos cânones normais da

nossa cultura” (p. 191), no sentido do “armário” não há contradição. Pelo contrário, a sexualidade não é livre, ela é também normatizada e instituída, não havendo possibilidade para uma liberdade sexual, limitada à valores morais coercitivos. Por isto, para eles a importância de se ter relações homoeróticas veladas, para que não sofram preconceitos manifestos e visíveis transparentes.

João voltou a me procurar e queria contar-me o que havia lembrando. Disse-me que em uma festa de *reggae*, olhou para um rapaz da outra mesa, que o encarou. Ficaram olhando um para o outro por um tempo, o *gaydar* apitou. João olhou para o *banheiro*, e olhou novamente para o rapaz, em seguida levantou-se e caminhou até o *banheiro*. Minutos depois o rapaz apareceu e os dois ficaram em um *box*.

Na saída do *box*, encontrou um conhecido que tem uma namorada, saindo também de outro *box* com outro rapaz. Os quatro ficaram envergonhados, mas menos constrangidos porque todos praticavam o mesmo ato. Saíram do banheiro individualmente, para não demonstrarem para as pessoas do lado de fora não associem que estavam juntos. Em seguida João recebe uma mensagem em seu celular do rapaz que conhecia no banheiro: “Não conte para ninguém, por favor!”. Mais uma vez a noção do armário evidente, pois o que acontece no banheiro deve permanecer no banheiro. Goffman (2009) denomina como “fachadas” Conceitua em que sentido utiliza a “representação”, que está sendo empregada para referir-se toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo de observadores. As *fachadas* abrangem o equipamento expressivo de tipo padronizado interacional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante a representação. Entre as partes da *fachada pessoal* para Goffman estão os distintivos de função ou categorias: Vestuário, sexo, idade, características raciais, altura, aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes. O comportamento do ator social neste contexto, que solicita que sua aparência não seja associada a “homossexualidade” por considerar um comportamento inferior, por acreditar que este não é ser compatível com a maneira que age em outros espaços sociais, e assim não perder o respeito ou o descredito no seu convívio por quem julgue como anormal tal relação.

O DAR, RECEBER E RETRIBUIR PRAZER

Correlacionando a ideia apresentada anteriormente do “homem total” nas *Técnicas Corporais*, com os sentidos percebidos da “prestação total” no *Ensaio Sobre a Dádiva* (2003) também por Mauss na Polinésia sobre a obrigação de dar e receber e retribuir os presentes – talvez um pouco abstrato-mas, possível de apreender. Explico: Os homens que se relacionam com outros homens no banheiro, em um momento causal em que estes têm os códigos correspondidos e decidem fazer *pegação* no *box*, iniciam assim um espécie de “contrato” construído de forma não-verbal, tacitamente.

O dar e receber neste contexto a que me refiro, trata-se em particular do prazer e gestos. No *box*, quando realizam o ato da *pegação*- chupando o peito um do outro, masturbando-se, beijos no corpo e na boca, sexo oral, entre outras técnicas corporais do prazer. Geralmente os dois indivíduos que estão neste contexto esperam dar prazer e receber prazer. No entanto, há ideia de que quem aceita desempenhar o papel do *passivo* na relação, ao falar o parceiro *ativo*, este último acredita que o parceiro estar satisfeito em está felando-o, beijando-o.

Na hora a gente vê quem é o quê, quem come ou quem dar. Se o cara for passivo ele tá afim de chupar ou dar, então eu dou o que ele quer. Depois que eu gozo, já era. Acabou a brincadeira. Eles nunca reclamaram, então é porque sentem prazer só em fazer isso. Tem uns que o pênis nem fica ereto, mas tá curtindo a pegação, mas não gozam e nem se preocupam. (Sandro, 28 anos. Entrevista concedida no dia 16 de Maio de 2014, na festa de reggae).

No momento em que o ativo goza, automaticamente a *pegação* termina, claro que há exceções, quando ambos preocupam-se em fazer o outro ejacular. No término da *pegação* no primeiro caso, quando o somente o ativo goza, pode-se pensar que o passivo *deu* prazer ao falar seu parceiro satisfazendo-o. Já o ativo que *recebeu* prazer, entretanto não *retribui*, permanece em dívida com o outro.

Eu só saio quando me satisfaço. Se eu o fizer ejacular e ele me deixar no vácuo, ficará em débito comigo. Geralmente só deixo o cara sair quando ele me faz gozar também, pois a pegação com o cara só acontece uma vez, dificilmente repete. Tenho que aproveitar aquele momento, pois não tem depois. (Fernando, 30 anos. Entrevista concedida em Agosto de 2014).

A noção sobre o “débito”, apresentada também pode ser compreendida como uma quebra do contrato do “sigilo compartilhado”, em que um dos parceiros insatisfeito com o resultado da *pegação* pode difamar ou *queimar*, como eles denominam, para outrem sobre a prática exercida. A compreensão das prestações e contraprestações são a nível simbólico, pois como essas relações estabelecidas são imediatas, passageiras, fragmentadas e sigilosas, por isto não tem como haver a cobrança. Dificilmente se repetirá com a mesma pessoa, nenhum dos entrevistados repetiu. Não significa que tenha sido uma relação satisfatória, mas uma repetição pode dá ideia de vínculo, ou ainda, de relacionamento ou sexo “fixo”. Problematizando, trata-se de um sentimento de dívida, um reencontro possibilitaria a cobrança do que instituiu o papel como passivo, de receber o prazer.

É bom também para pensar as representações dos entrevistados, que revelam que as relações são simétricas e que não existem ativo ou passivo no banheiro, os dois tem que dar prazer. Mas, quando iniciavam os relatos, contradiziam-se, diziam que a *pegação* era dada e recebida igualmente, formando uma relação de simetria, mas quando este interlocutor havia sido em suma assumido o papel de gênero *passivo*, revelava que muitas vezes ficava sem gozar, mesmo estando com vontade, e não se identificando como passivo. Bauman em “Amor líquido” (2004) apresenta uma analogia das relações construídas na modernidade com a tecnologia, são tão rápidas e não devem ser complicadas, devem facilitar essa aproximação imediata. Neste contato breve, seria possível encontrar “intimidade, ternura, alegria, afeição e o amor?” (p.72) Neste contexto apresentado, o que buscam é o sexo. Não envolve nada disso, segundo Bauman o que importa é a obtenção do prazer instantâneo. “Então o mais importante não é o que se faz, mas simplesmente que aconteça” (p. 72). Apesar dessa “dívida” gerada, não impede de “subordina-se” nas próximas ocasiões, ao se firmar o interesse mútuo, a cena irá se repetir.

Esses relacionamentos instantâneos são complexos, uma vez que eles realizam atividades que conceituam ainda divisão de papéis como o ser ativo ou o ser passivo, mas não se reconhecem como tal, em especial o passivo. Isto é, na dificuldade de se reconhecer o ânus masculino como um local de prazer em potencial. A bunda feminina é um objeto de desejo do homem heterossexual, as representações sobre a bunda do homem é de ordem “sagrada” e cheia de pudores.

Mas, não é difícil de entender o porquê. Como operam na lógica da norma heterossexual, como já dito anteriormente, mas volto a repetir. Baseado em construções sócio histórico e cultural, em especial no Ocidente, a mulher era subordinada aos homens. O ser passivo dá a ideia de que este é subordinado pelo ativo, então faz o papel da mulher. No meio gay, ninguém quer ser visto como mulher. Mas, pode soar como um preconceito. Uma visão machista dos próprios homens que se relacionam com homens e não assumem a identidade *gay*. Peter Fry (1982) apresenta uma tabela hierárquica que fora percebida em Belém (PA) nos anos 80. Onde a ideia construída sobre o papel de gênero do passivo se aproxima da feminilidade e o do ativo da masculinidade. Segundo Fry, essas relações são constitutivas de todo um conhecimento social e coexistem com ideologias políticas conflitantes. Assim, hierarquicamente o homem ativo está superior ao homem passivo, este último por se acreditar que está próximo da impureza, em particular de estigmas como o “crime, o pecado, da sem-vergonhice e até mesmo da doença” (FRY, 1982); Com o ativo não acontece a mesma coisa, pois a ideia construída sobre ele é do “macho”, do homem que está “penetrando outro homem”, logo pode ter relações com mulheres.

Bauman (2004) compara o desejo com o impulso. Ir ao shopping e fazer compras não é um desejo, são impulsos. O desejo precisa germinar crescer e amadurecer, assim o desejo demora certo tempo para dar lucro. O impulso é imediato, é a satisfação do agora. Uma época em que o “longo prazo” é curto. A aceleração e a maturação do desejo geram relações cada vez mais transitórias, e que não impeçam novos momentos de prazer. Da mesma forma as *pegações* no banheiro, em que mesmo este sentimento de não ter gozado, mas o fato de ter acontecido e a possibilidade de acontecer com outrem, ameniza a “insatisfação”.

AS REPRESENTAÇÕES E RACIONALIZAÇÕES “AFETIVAS” DE HOMENS QUE SE RELACIONAM COM HOMENS NOS BANHEIROS

De acordo com a contextualização apresentada ao longo do trabalho, percebo que a “sexualidade” dos homens que se relacionam com os homens pode ser “racionalizada” (WEBER, 1999). Constantemente o homem está construindo o seu “sexo” (BUTLER, 2003), apesar de se materializar em contato com outros corpos, ele nunca está definido do tipo pronto e acabado. Butler propõe que a relação cultura e natureza agem como uma agência das performatizações do gênero. O fato do homem ir ao banheiro buscar por outro, estaria materializando este sexo? Afinal, está atuando sobre uma força psíquica social. É importante compreender a representação apresentada pelos os homens que participaram da pesquisa, apesar de cada particularidade, não querendo nunca generalizar. Cada experiência relatada, e o fato de ter feito os nativos autorefletirem sobre seus comportamentos, em especial, sobre a sua própria sexualidade contribui significativamente com a pesquisa. Por exemplo, o relato a seguir de Vitor de vinte e oito anos: “*Busco um relacionamento sério com um cara legal, mas a maioria dos homens de hoje só querem sexo. Então para me satisfazer tenho que ir para o banheiro também.*” Racionalidade?

Assim, neste ponto proponho-me realizar uma análise sob a ótica da sociologia da racionalização de Max Weber. A racionalização apresentada por Weber em suas obras, segundo Carlos Eduardo Sell (2013) concerne em um ponto de vista do que é racional, por um lado, e por outro do que é irracional. Assim, sobre a perspectiva heurística, o irracional não se desvincula do racional. A razão não é abstrata, a sustentação weberiana se dá na racionalidade (e também no processo de racionalização) da ação social.

Torna-se possível compreender a racionalidade do homoerotismo em Santarém, justamente pelo acesso do antropólogo na subjetividade dos entrevistados, a apreensão das categorias nativas e a correlação teórica analítica. Ambigualmente nos dois casos há racionalidade e a ação social, afinal é possível o pesquisador compreender e refletir sobre os comportamentos apresentados através dos próprios relatos e observações em campo. Nas palavras de Weber, podemos entender racionalidade como:

Num número extraordinariamente grande de casos, a dominação e a forma como ela é exercida são o que faz nascer, de uma ação social amorfa, uma relação associativa racional, e noutros casos, em que não ocorre isto, são, não obstante, a estrutura da dominação e seu desenvolvimento que moldam a ação social e, sobretudo, constituem o primeiro impulso, a determinar, inequivocamente, sua orientação para um “objetivo” (WEBER, 1999, p.187).

Não significa dizer que os atores são ontologicamente racionais, mas sim que suas ações são sustentadas numa possibilidade de compreensão racional das condutas sociais. Desta forma, foco-me na racionalidade da ordem das representações dos homens que se relacionam com homens nos banheiros (perspectiva do ator, primeira ordem), em que minhas observações tornam-se então perspectivas de segunda ordem. As relações de ação afetiva para Weber, obedecem uma fraca escala de sistematização da racionalização, no entanto, neste caso estudado podemos e poderemos notar que há a racionalidade dos atores, uma vez que estes são orientados por normas e regras (valores morais da sociedade em que se encontram).

Os nativos estudados quando vão ao Morangos, *reggae* ou outros espaços que possibilitam a *pegação* nos banheiros, mas antes da realização da *pegação*, existe todo um sistema na escolha do parceiro, na conquista imediata. As relações de homoerótismo estão carregadas de códigos, em que se pensam as formas de andar, falar, se vestir, e o ato de andar, falar e se vestir também passam pelo processo de racionalização. Os comportamentos são pensados, articulados, é tudo estrategicamente arranjado. Não simplesmente notaram o banheiro, mas articularam racionalmente que dois homens entrando ou estando juntos no banheiro, não são percebidos como “homossexuais”, isto é, na concepção dos que não realizam esta prática ou não tem informações sobre elas. Pois, os que têm ciência dessa prática, representam de diversas formas.

Fábio que é menor de idade me contou que gostava de ver escondido, seu irmão tomar banho, sentia atração, desejo. “*Ver ele nu é tudo, tem um pênis lindo, não me preocupo se você vai achar que é incesto, só não quero que conte pra ninguém se não eu te mato.*” Nesse argumento, percebemos que ele se preocupa sim nas representações que podem fazer sobre ele, tudo o que faz é racional, mesmo movido pela libido. Outro discurso bom para pensar

é o de Hélio como já mencionado anteriormente, já realizou *pegação* com um rapaz menor de idade, mesmo orientado moralmente e juridicamente que pessoas mais velhas ao se relacionarem com pessoas mais novas, pode caracterizar como pedofilia ou abuso de incapaz.

Quando fiz pegação no banheiro com um menor de idade fiquei com medo de ser visto por alguém, sabia que podia ser preso. No entanto, o desejo e a adrenalina do perigo foram maiores, então eu fui e ele fez sexo oral em mim. Mas, quando estamos no banheiro, as regras são outras, homens podem entrar e não são chamados de “viados”. (Hélio, novembro de 2013).

Os nativos percebem que são oprimidos por discursos machistas, heteronormativos e até mesmo homofóbicos, quando Hélio diz “*homens podem entrar e não são chamados de viados*”. Logo, acredito que também contribuem com o discurso, pois agem socialmente de forma orientada, evitando serem chamados de *viados*¹⁹. Outro discurso pertinente é o “*não gosto de afeminados*” bastante presente nos argumentos dos entrevistados, e até mesmo já naturalizado por eles, em que muitas justificavam que este aspecto era uma questão de gosto. Mas, percebo que são reproduções de preconceitos contra a mulher, contra o ser feminino, uma herança da relação de poder e de superioridade, que mantém a urgência de se afirmar sobre o feminino. Trata-se aqui de um modelo hegemônico de masculinidade.

As representações que uns fazem dos outros, também contribuíram com a análise sobre a minha percepção a respeito da racionalização afetiva e não afetiva do grupo analisado. Beto de vinte e cinco anos havia notado que eu sempre estava presente com meu principal interlocutor, o João. Pensou que nós estávamos namorando por estarmos juntos no reggae: “*Não ficaria nunca com o João, ele é uma mulher. Muito afeminado, eu gosto de homem. Além dele de ser muito rodado, já pegou a metade de Santarém. Mas eu ele não vai pegar. Eu tenho meu valor, e só sexo para mim não basta.*”²⁰ Assim, no relato de Beto há a racionalidade de valores construído entre eles, em que não se interessam por homens que eles designam como *afeminados*, que me parece

¹⁹ Termo pejorativo designado para homens que se relacionam com homens.

²⁰ O sentido “rodado” neste relato propõe a apropriação da noção de roda de carro, em que quando a roda está desgastada deve-se trocar. Assim, a “pessoa rodada” é considerada por eles como promíscua por não ter um parceiro fixo.

que existe um padrão de homem que está presente nas representações dos atores, o inverso do *afeminado* seria o másculo, se vista como homem, tenha voz grossa, seja forte, o ideal entre eles torna-se então o homem que não tem “*jeito de gay*”, segundo claro a perspectiva deles, reproduzindo todo um preconceito imposto socialmente.

O ato de ir ao banheiro em busca de um parceiro para a prática homoerótica, também se torna frustrante quando este outro não corresponde, ou quando este outro parceiro apenas realiza a *pegação* e no fim não deseja nada mais do que aconteceu. A maioria dos homens entrevistados não fazem *pegação* com o intuito de continuar com o parceiro em outras ocasiões dando continuidade a um relacionamento duradouro, a *pegação* proporciona uma afetividade fragmentada, instantânea e não contínua. Afinal, racionalizam que quem está “*caçando*” alguém para ir ao banheiro, sempre faz isso. A ideia construída para o parceiro ideal seria o que não faz *pegação* em banheiro, e que assim possa se construir uma relação de confiança e fidelidade. “*Já pensou se eu namorasse com alguém que conheci no banheiro? Sempre que ele fosse ao banheiro eu ia ficar preocupado.*” (Beto, entrevista concedida em Julho de 2014).

Outro discurso presente nos relatos é o sentimento de “arrependimento”, isto é, arrependiam-se de ter realizado *pegação* nos banheiros com homens, no fim consideravam uma prática promíscua. Poucos afirmavam que repetiram tudo outra vez. No entanto, acredito que estão agindo de forma dissimulada, isto porque se pensarmos que há toda uma engenharia no processo da conquista imediata e até mesmo na *pegação*, num espaço estrategicamente articulado para a prática, podemos dizer que foi possível tempo para pensar se o individuo está ou não interessado no parceiro?

Durante as entrevistas não expressava os nomes das pessoas que havia entrevistado, no entanto, nos relatos apareciam dos interlocutores os nomes destes, em que ocasionalmente já haviam feito *pegação* uns com os outros. João contou que quando faz *pegação*, vai com o intuito de conhecer homens que estejam interessados em um relacionamento sério. Um dia após a *pegação* no *reggae*, começou a namorar com um homem de trinta anos, que dias depois descobriu que este era casado com uma mulher, além de ser pai de dois filhos.

Por este motivo, uma semana depois João terminou, pois queria alguém que fosse solteiro e não tivesse limitações para um romance.

A busca pelo parceiro na intenção de compartilhar as conquistas, os afetos, e construir uma intimidade com esse outro. Muitos temem um relacionamento duradouro pelo medo, de quando não *assumidos*, terem seu “segredo” revelado. Pois, constroem a ideia de que ter um namorado requer atenção, logo vão precisar sair, e estarão se expondo. Fingir que é um primo já não é uma boa desculpa, pois como já disse no início do texto, Santarém é considerada uma cidade “pequena” para eles, logo acreditam que todos na cidade se conhecem.

Laud Humphreys (1976) problematiza a afetividade no que emerge sobre uma ótica de condicionamento cultural do homem ocidental. O sexo é investido de uma série de significados pessoais: “Uma relação interpessoal, um amor romântico e um infindável catálogo de sentimentos” (p. 152). A afetividade é construída socialmente, pois para se chegar ao ponto de se criar laços de afetos com sentimentos, o indivíduo necessita criar mecanismos para que atraia o outro. As roupas escolhidas, na maioria das vezes são para destacar atributos corporais, como os braços fortes, o peito musculoso, ou os glúteos avantajados. A realização dramática é descrita por Goffman (2009) como uma transmissão de sinais. Em presença de outros, o indivíduo inclui em sua atividade sinais que acentuam fatos confirmatórios que poderiam permanecer obscuros ou despercebidos. No caso de alguns status sociais a dramatização não apresenta problemas, pois alguns números instrumentalmente essenciais para completar a tarefa central do status através da comunicação, meios de transmitir vividamente as qualidades e atributos pretendidos pelo ator.

Eva Illouz em *o Amor nos Tempos do Capitalismo* (2011) afirma que os psicólogos descrevem que uma relação sadia no dia-a-dia das pessoas, e para o êxito profissional elas dependem da intimidade para uma boa relação sexual e conjugal. Os relacionamentos de antigamente eram íntimos, e a intimidade era saudável. A ideia da intimidade era um padrão dos relacionamentos afetivos, no entanto a falta da intimidade apresenta uma estrutura afetiva falha: “Na nossa sociedade as pessoas tem mais medo da intimidade do que do

sexo” (p. 69). Assim, Illouz postula que o problema com a própria intimidade possibilita a facilidade nas *práticas sexuais imediatas* e fortuitas.

Ser lésbica em Santarém é mais fácil, elas conseguem namorar, podem ficar juntas em lugares públicos e vão pensar que são melhores amigas, enquanto dois homens nem podem ser amigos, imagina namorar. Os homens tem medo de sofrerem violência, eu tenho medo, se namorasse um homem aqui nunca ia andar de mãos dadas, ia ter medo de jogarem uma lâmpada na minha cabeça. (Entrevista concedida em setembro de 2014)

Para Humphreys (1976) Muitos homens – casados ou não, com identidades heterogêneas ou com autoimagens homossexuais – procuram esse sexo impessoal que afasta os envolvimento, ensejando emoções sem responsabilidades. Sejam quais forem as razões (sociais, fisiológicas ou psicológicas). Os banheiros então são ideias para encontros sexuais sem envolvimento, preferidos até mesmo que automóveis e lugares ermos. Pois, são acessíveis, facilmente reconhecidos pelos iniciados e apresentam pouca visibilidade pública. Alguém que não tem esse interesse: entra no banheiro, urina e sai.

Por fim, como expressei frequentemente ao longo da monografia que os homens rejeitam assumir uma identidade quando estes praticam a *pegação*. Em suas práticas desenvolvem uma performance de gênero repetidamente encenada e afirmada como masculina, ainda que tenham um desejo orientado por homens. Nessas circunstâncias, observa-se uma tensão entre orientação sexual, práticas sexuais de identidades de gênero. Butler (2003) chama de sistema sexo-gênero-desejo, ou seja, os mecanismos de produção que correlacionam através de uma ordem heteronormativa uma relação entre sexo biológico, gênero e orientação do desejo.

Tendo em vista os discursos nativos, as suas representações a compreensão dos sentidos atribuídos a sua realidade e dos seus comportamentos, tornaram possíveis a identificação de outros espaços de *pegação* em Santarém que propiciam o contato erótico, ou sexual, imediato entre dois homens, que não se resume somente aos banheiros, ou ainda não somente aos banheiros supracitados (ver quadro abaixo).

Quadro 1 – Espaços mapeados, representados como locais de *pegação* em Santarém:

Tipos	Nome real ou atribuído
Banheiros	Universidades públicas e privadas, Shoppings, bares e restaurantes.
Praias	Do Osso, Alter-do-Chão, Pindobal, Maracanã, Candura da Prainha
Parque	B.A (Base Área), Bosque Vera Paz
Praças	São Sebastião e Cohab.

Os espaços são articulados, e como dito antes pertencem a um “território de *pegação*” construídos pelos atores sociais. O que estou dizendo a partir deste quadro, é como os lugares para o encontro e a sociabilidade homoerótica não ocorrem por acaso, estes são racionalizados, e entendidos entre o grupo. O mesmo ocorre com lugares não nomeados, mas que encontram-se abandonados e propiciam os encontros impessoais e de sexo imediato.

A METÁFORA DO BANHEIRO

Segundo Pierre Bourdieu em *a Dominação masculina* (2014) a homofobia funciona como um obstáculo à expressão da intimidade entre os homens. É preciso então ser cauteloso, e manter a camaradagem dentro dos limites autorizados dos comportamentos e gestos do ser “macho”. A homossexualidade no meio social é vista e contada como piada, e é entendida pelos entrevistados como algo que precisa ser mantido em “segredo”. Pois, acreditam que não terão o respeito das pessoas do trabalho, da escola, universidade, e muitas vezes nem da própria família, como me disse João em nossa última conversa em outubro de 2014: “*Eu seria a piada lá de casa se eu*

admitisse ser gay, prefiro ficar com homens de vez em quando, e namorar com mulheres”.

O armário então é como estar dentro de uma caixa é o desejo internalizado, o não assumir-se. O sair do armário é o contrário disso, é o assumir-se, o expor, o desejo externalizado. O banheiro então funciona como um armário, o armário que não guarda roupas, mas sim segredos. É o continuar ser homem masculinizado, e o ser mulher feminizada. Uma anamnese do corpo, *habitus* construído biológica e psicologicamente do ser homem e não ser feminino, isto é, social e historicamente, segundo Bourdieu.

A sexualidade no banheiro, então é compreendida como opcional, uma “fuga” dos olhos da sociedade em que o indivíduo está inserido, o medo da repressão faz com esses homens não assumam uma identidade homossexual, ao contrário, eles agem como se consideram a sua própria sexualidade como “desviante”. Na frente da família e amigos, a homossexualidade é piada também, mas conscientemente sentem-se atraídos pelos corpos de pessoas do mesmo sexo. Por vez, este não pode ser assumido precisa permanecer invisíveis aos olhos, é precisa estar em um “não-lugar”, como se as sociabilidade que lá outrora ocorreram não existiu. Eles “nunca” estiveram lá . Assim, como também me faziam admitir que não os conhecia, não ia contar as suas histórias expondo-os. Tudo tinha que permanecer em sigilo.

A homossexualidade entre os entrevistados é percebida como uma fase, e que logo vai passar. Um perigo, pois é proibido. O “sexo” foi ensinado pelos nossos pais que é anatomicamente dividido em dois, o masculino e feminino e estes devem permanecer juntos para reprodução. Jeffrey Weeks (2000) afirma que o sexo é constitutivo da identidade e da personalidade das pessoas.

Entender que o banheiro como um “armário” é compreender as representações sobre a sexualidade como pública e a privada, o que deve ser visível e o que não pode ser visto, está entre o segredo e a revelação, o proibido e o permitido, o dentro e o fora.

Já ouviu o ditado tudo que é proibido é mais gostoso? Pois é, transar no banheiro é ótimo, muitos vão ver como sujo, eu vejo como ideal. Transar com homens também é proibido e recriminado pela sociedade, então a gente se esconde nos banheiros. Lembra de quando você era criança e

fazia algo errado e se escondia para não apanhar dos seus pais? No banheiro, a gente não quer apanhar dos adultos, dos desconhecidos. Se eu pudesse levava pra casa. (Sandro, entrevista concedida em setembro de 2014).

Como no discurso apresentado acima, não é obstante compreender todo o sistema e lógica em que não somente o Sandro está operando, mas sim por todos os homens deste contexto como tem sido mostrado durante a monografia e seus relatos corroboram com a evidência do banheiro como um “esconderijo” destes homens que estão em buscar do prazer imediato e dissidente em espaços públicos de imperativo heteronormativo.

Carmem Dora Guimarães (2004) afirma que o próprio termo “pegação” é uma forma de ocultar a identidade homossexual, e a própria linguagem não verbal com o intuito de não necessitar assumir verbalmente, por isso a confluência de códigos como o *gaydar* já descrito anteriormente. As regras estabelecidas por quem faz *pegação* nos banheiros são claras, quando o momento é oportuno é o “aqui e o agora”, se rolar atração entre os dois é instantâneo, no entanto, não tem depois. E é sempre prezado que se se houver um encontro ocasional em outro espaço pela cidade, ambos devem fingir que não se conhecem, e que nunca aconteceu nada entre eles.

Em outros contextos como Natal (COSTA NETO, 2005), Belo Horizonte (TEIXEIRA, 2003) e Salvador (SOUZA, 2012) os banheiros possibilitam os sexo com dois ou mais homens, além de apresentarem um “olheiro” do lado de fora que avisa quando estranhos se aproximam, assim mantem a segurança dos envolvidos, ou seja, há uma performance dos homens nesses ambientes, o contato com o público e com o privado. No entanto, em Santarém os homens prezam pelo sexo à dois, nos banheiros, em especial por acreditarem que possuem o controle da situação sendo dois: “*Se entrasse três homens no banheiro, e demorassem os três para sair, ia dar na cara.*” Além disso, pensam que o sexo à três ou mais é promiscuidade.

Fazer sexo com um homem em Santarém já é difícil, com mais dois é quase impossível e ainda no banheiro, piorou. Já estamos correndo perigo em ser vistos e presos por atendado ao pudor. E se por acaso tivessem dois

*homens querendo fazer pegação comigo, não rolava. Seria muita baixaria.
Pra mim sexo é a dois.* (Hélio, entrevista concedida em maio de 2014).

A própria lógica sobre a bigamia corresponde as construções sócio históricas e culturais das sociedades Ocidentais. Segundo Bauman (2004) o impulso sexual é redirecionado por meio de dutos socialmente construídos para alvos resultantes de um mesmo processo contínuo. A metáfora neste caso, de se ter relações fortuitas eróticas entre homens, que permanecem em um armário “escondido”, num esconderijo escuro, por vezes considerados lugares sujos, mas para quem pratica a *pegação*, é um dos lugares mais limpos e cheirosos. A ocasião possibilita o encontro de estranhos que só desejam alguns minutos de prazer, e depois almejam permanecer no anonimato, fugindo do perigo do lado externo do banheiro, permanecendo e solicitando a segurança na invisibilidade. “O aqui e o agora” pode ser substituído pelo “aqui nunca nada aconteceu”? O que acontece no banheiro morre no banheiro. Pelo menos, é isso que os interlocutores da pesquisa também desejam, depois de alguns minutos de prazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o trabalho foi possível compreender como o homem que utiliza-se do *gaydar* como uma técnica corporal consegue identificar e acionar o parceiro para a prática da *pegação* nos banheiros entre homens que se relacionam com homens, em duas casas de shows, sendo elas o Morangos e a Mangueira. O banheiro neste caso, funciona como um local de estratégia para estas relações de sociabilidade homoerótica, uma vez que os nativos acreditam que ninguém desconfia da masculinidade de dois homens que entram num banheiro para realizar suas necessidades fisiológicas. Uma vez que, Santarém (PA), o contexto em que foi realizada a pesquisa no período de agosto de 2013 à novembro 2014, apresenta-se num modelo sócio-histórico e cultural heteronormativizado.

Estas relações constituídas em um curto espaço de tempo, segundo as representações encontradas nos relatos dos entrevistados, almejam o sigilo, então metaforicamente vejo o banheiro como uma espécie de “armário” na modernidade, é a válvula de escape encontrada por homens que sentem prazer ocasionalmente ou não por outro homem, e que não identificam-se com uma identidade homossexual, realizarem *pegação*. O banheiro é um local de “retoque” do gênero, mas também de satisfação libidinosa neste caso em particular.

Em alguns momentos atuei como uma espécie de “voyeur” para investigar a fundo as relações homoeróticas, as intimidades construídas com os interlocutores e a ética perpassada para estes contribuintes da pesquisa, foram essenciais para estabelecer a confiança entre pesquisador-pesquisado e para a finalização da monografia presente. A experiência adquirida ao longo da pesquisa, será essencial para repensar as falhas e os acertos como apresentado no início do texto. Como almejo dar continuidade nesta estudo antropológico, permanecer no campo e manter as relações com os interlocutores é fundamental. O afastamento seria prejudicial, pois necessitaria de um novo processo de “conquista” do pesquisador para com o pesquisado. Afinal, não é o antropólogo que escolhe o nativo, e sim o contrário.

No entanto, contribuir para os estudos de sexualidade na antropologia, em um contexto onde essas raramente acontecem, sendo esta pioneira neste

sentido. A pesquisa poderá contribuir para futuros estudos antropológicos sobre temáticas afins, diria até de cunho comparativo de configurações sobre a sexualidade em contextos distintos. Esta análise etnográfica foi realizada a partir do contexto de *pegação* em banheiros em Santarém, relações que são fortuitas, sem fins lucrativos. No caso da prostituição, o michê apresentado segundo Dora Guimarães, acaba ocupando uma posição inferior ao do homem passivo, já que este está sendo submisso por questões financeiras. Os marcadores de diferença como idade, classe, raça e geração contribuem para a hierarquização desses atores sociais, contudo este ainda não é meu objetivo de análise. Mas, vejo como uma possibilidade necessária para abranger e incluir aspectos que atraem e estabelecem essas relações de sociabilidade e de prazer entre os homens, o que almejo aprofundar em breve.

Compreender e aprofundar questões em especial sobre a conquista imediata, a própria intimidade instantânea e as relações eróticas e sexuais transitórias, tornam-se essenciais para investigação científica, uma vez que estas novas formas de sociabilidade na modernidade tem alterado as relações em prol da sexualidade, e mesmo em relações tão fragmentadas acionam múltiplas representações sobre a afetividade e o próprio sexo.

Assim retorno aos banheiros, não afirmo se as situações, representações e até mesmo análises continuarão as mesmas, se não forem, este não será um trabalho perdido. A refutação constrói o pensamento antropológico, a continuidade deste me dará este amadurecimento enquanto profissional que tenho buscado diariamente.

As luzes continuam voltadas para o palco, os holofotes são dos cantores que animam o espaço, enquanto dois homens se olham, parecem se interessar um pelo outro. O primeiro tem trinta anos, o segundo dezessete. A troca do olhar é discreta, eles estão em mesas diferentes, em uma casa de show, num sábado que eventualmente apresenta-se uma cantora chamada Alice. O estilo é pop rock, o ambiente tem pouca luz. Eles riem, e tentam se decifrar: observam os corpos, as pessoas em volta, a roupa, o movimento das mãos. Eles se encaram por um tempo, mas logo tentam disfarçar para ninguém perceber. Um deles olha em direção ao banheiro e levanta-se, caminhando até lá. O outro que entendeu o sinal vai atrás. “*Sim, ele era menor de idade, mas no banheiro não tem câmera*”, disse Beto. Neste dia, em particular eu não

havia ido ao Morangos, recebi a ligação de Beto no outro dia para me contar o que havia acontecido durante a festa. Eu não estava lá, mas me sentia como se estivesse. O que acontece depois? É uma outra etnografia.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, SP: Papyrus, 1994;
- BARRETT, Jo. **O livro secreto do banheiro feminino**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008;
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004;
- BECKER, Howard Saul. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008;
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2014;
- _____. **A profissão do sociólogo: Preliminares epistemológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999;
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003;
- CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX**. J. R. Gonçalves (org.), tradução de Patrícia Farias, Rio de Janeiro: UFRJ, 2008;
- COSTA NETO, Francisco Sales. **Banheiros Públicos: os bastidores das práticas sexuais**. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Natal: Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – UFRN, 2005;
- DA MATTA, Roberto. **Relativizando: Uma introdução À antropologia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985;
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976;
- EVANS-PRITCHARD, Edward. **Bruxaria, Oráculo e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005;
- FACCHINI, Regina. **Movimento Homossexual no Brasil: recompondo um histórico**. In: *Cadernos AEL*, v. 10, n. 18/19, 2003;
- FERREIRA, P.R. **Os Afectos Mal-Ditos: o indizível nas sociedades camponesas**. São Paulo, Editora Hucitec/Fapesp, 2008;
- FRY, P. **Da Hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil**. In : Para Inglês Ver. São Paulo : Brasiliense, 1982;

FRY, P., MacRAE, E. **O Que é Homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983;

FONSECA, Cláudia. **“A morte do gigolô: fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais”**. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005;

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local**. Petrópolis, Vozes, 2013;

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000;

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009;

GUIMARÃES, Carmem Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004;

HUMPHREYS, Laud. **“A Transação na sala no chá: sexo impessoal em lugares públicos”**. In: RILEY, Matilda; NELSON, Edward. *A Observação Sociológica: uma estratégia para o novo conhecimento social*. Tradução de Luiz Fernando Dias Duarte. Rio de Janeiro: Zahar, 1976;

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011;

LATOURETTE, Bruno. **Reagregando o social: introdução à teoria ator-rede**. Salvador: EdUFBA, 2012;

MAGNANI, J. GUILHERME C. e TORRES, LILIAN (org.). **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: Edusp, 2000;

MAUSS, Marcel. **“As Técnicas Corporais”**. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003;

_____. **“O Ensaio Sobre a Dádiva”**. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003;

MISKOLCI, Richard. **Machos e Brothers: Uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line**. In: *Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, 2013;

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1987;

PEIRANO, Mariza. **“A favor da etnografia”**. In: *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 1995;

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. In: *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, jul/dez., 2008;

PRECIADO, Beatriz. **Sujeira e gênero: mijar/cagar, masculino/feminino**. Disponível em: <<http://www.myspace.com/doiscovc> deve ser mesmo o cara!rpos/blog/276091123>em 22 out. 2014;

SEDWICK, Eve Kosofsky. **“Epistemologia do Armário”**. Cadernos Pagu, 2007;

SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e a racionalização da vida**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013;

SILVA, Rubens Elias Da. **Socioantropologia da pesca: Estudos etnográficos sobre populações costeiras no Noroeste Brasileiro**. João Pessoa: Idea, 2014;

SOUZA, Tedson da Silva. **Fazer banheiro: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da Estação da Lapa e adjacências**. Dissertação de mestrado em Antropologia. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Antropologia / UFBA, 2012;

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. **Territórios homoeróticos em Belo Horizonte: um estudo sobre as interações sociais nos espaços urbanos**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Belo Horizonte: Puc-Minas Gerais, 2003;

_____. **“Discursos e representações sobre os territórios de ‘pegação’ em Belo Horizonte”**. In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo. *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

WAGNER, R. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010;

WEBER, Max. **Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília, DF: UNB, 1999;

WEEKES, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. In: *O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, MG: Autentica Editora, 2000.